

RELATÓRIO DE PESQUISA QUALITATIVA

**AVALIAÇÃO SOBRE AS POLÍTICAS
PÚBLICAS DE BOA VISTA CAPITAL
RORAIMA**

FUNDAÇÃO
ÍNDIGO

**BOA VISTA - RR
Junho/ 2026**

Sumário

1. INTRODUÇÃO	3
2. METODOLOGIA.....	7
3. PERFIL DOS GRUPOS ANALISADOS	12
4. ANÁLISE DOS DADOS	19
4.1 SAÚDE PÚBLICA, ACESSO AOS SERVIÇOS E PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DO ATENDIMENTO.....	19
4.2 EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO, JUVENTUDE E MOBILIDADE SOCIAL	31
4.3 SEGURANÇA PÚBLICA, SENSAÇÃO DE PROTEÇÃO E MUDANÇAS NO COTIDIANO	42
4.4 INFRAESTRUTURA URBANA, MOBILIDADE, DRENAGEM E QUALIDADE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	48
4.5 ECONOMIA, EMPREGO E GERAÇÃO DE OPORTUNIDADES	55
4.6 ASSISTÊNCIA SOCIAL, PROTEÇÃO DAS FAMÍLIAS E APOIO AOS MAIS VULNERÁVEIS	61
4.7 IDENTIDADE REGIONAL, PERTENCIMENTO E QUALIDADE DE VIDA.....	68
4.8 INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E FORMAÇÃO DE OPINIÃO.....	74
5. DISCUSSÃO DOS DADOS	80
5.1 O Principal Desafio: A Distância Entre Expectativa e Capacidade de Resposta.....	81
5.2 A Centralidade da Qualidade de Vida	82
5.3 Diferenças de Classe e Experiência com as Políticas Públicas.....	82
5.4 Diferenças Geracionais e Prioridades Distintas.....	82
5.5 A Existência de Duas Roraimas na Percepção da População	83
5.6 O Papel da Experiência Direta na Formação das Opiniões	84
5.8 Síntese Interpretativa	86
6. CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS	86

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório apresenta uma análise qualitativa aprofundada das percepções, experiências e avaliações manifestadas por moradores de Boa Vista acerca das principais políticas públicas que impactam seu cotidiano. A investigação foi desenvolvida a partir de grupos focais realizados com diferentes segmentos sociais, organizados por faixa etária e classe socioeconômica, permitindo compreender não apenas opiniões individuais, mas também os sentimentos coletivos, expectativas e necessidades que estruturam a relação da população com os serviços públicos e com o processo de desenvolvimento de Boa Vista.

A proposta deste estudo parte do entendimento de que a efetividade de uma política pública não pode ser medida exclusivamente por indicadores administrativos ou estatísticos. Embora dados quantitativos sejam fundamentais para mensurar cobertura, investimento e desempenho, eles nem sempre conseguem revelar como os cidadãos vivenciam, interpretam e avaliam a presença do governo em suas vidas. É justamente nesse espaço que a pesquisa qualitativa assume relevância estratégica, permitindo acessar percepções, sentimentos, memórias, expectativas e experiências concretas que ajudam a explicar os níveis de satisfação ou insatisfação da população.

Ao longo das discussões realizadas, observou-se que os participantes analisam a atuação do poder público principalmente a partir de suas experiências práticas. A avaliação dos serviços públicos não surge de debates abstratos ou conceituais, mas daquilo que os moradores enfrentam diariamente ao buscar atendimento médico, matricular filhos em escolas, circular pela cidade, procurar emprego, utilizar equipamentos públicos ou acessar programas sociais.

Nesse sentido, a população constrói sua percepção sobre a qualidade da gestão pública a partir de elementos concretos e facilmente observáveis. A demora para realização de exames, a presença ou ausência de professores em sala de aula, a circulação de viaturas nos bairros, a existência de ruas alagadas durante o inverno, a oferta de transporte escolar e a facilidade de acesso aos serviços públicos constituem referências permanentes utilizadas pelos cidadãos para avaliar a capacidade de resposta do governo.

Um dos aspectos mais relevantes identificados na pesquisa é a coexistência entre sentimentos de orgulho e preocupação. Em praticamente todos os segmentos sociais analisados, existe uma percepção positiva em relação à qualidade de vida proporcionada por Roraima quando comparada a outras unidades da federação. A segurança relativa, a tranquilidade urbana, a convivência comunitária e o sentimento de pertencimento ao território aparecem como elementos valorizados pelos participantes.

Ao mesmo tempo, esse sentimento positivo convive com preocupações relacionadas à capacidade dos serviços públicos de acompanhar as transformações vividas por Boa Vista nos últimos anos. Questões como saúde pública, geração de empregos, infraestrutura urbana, acesso a serviços especializados, crescimento populacional e pressão sobre os equipamentos públicos surgem de forma recorrente nas falas dos participantes, indicando a existência de demandas que permanecem sem resposta satisfatória para parte significativa da população.

Outro aspecto importante revelado pelas discussões é a existência de diferenças relevantes entre grupos sociais distintos. Embora determinados temas apareçam de forma transversal em praticamente todos os grupos, a maneira como cada segmento os interpreta varia consideravelmente de acordo com idade, condição econômica e trajetória de vida.

Entre os participantes de maior renda, observa-se uma tendência a analisar os serviços públicos a partir de critérios relacionados à eficiência, qualidade da gestão e capacidade institucional. Já entre os segmentos de menor renda, as avaliações costumam estar mais associadas às experiências de acesso, às dificuldades enfrentadas no cotidiano e aos impactos concretos que falhas nos serviços públicos produzem sobre a vida familiar.

As diferenças geracionais também merecem destaque. Participantes mais jovens demonstram preocupação mais intensa com temas ligados à empregabilidade, perspectivas de ascensão social, qualidade da educação e oportunidades econômicas. Entre os grupos mais maduros e idosos, observa-se maior valorização de aspectos relacionados à segurança, estabilidade social, acesso à saúde e preservação da qualidade de vida construída ao longo dos anos.

Essas diferenças não representam necessariamente conflitos entre grupos, mas revelam prioridades distintas decorrentes das diferentes etapas da vida e das condições materiais de cada segmento social. Compreender essas nuances é fundamental para a formulação de políticas públicas capazes de responder às necessidades específicas da população.

Outro elemento que atravessa toda a pesquisa é a percepção de que Roraima vive um período de transformações aceleradas. Os participantes frequentemente associam as mudanças observadas em Boa Vista ao crescimento econômico, à expansão da atividade agrícola, à ampliação da infraestrutura e às mudanças demográficas ocorridas nos últimos anos. Em diversos momentos, os moradores demonstram reconhecer avanços importantes, especialmente na ampliação de oportunidades econômicas e na modernização de determinados serviços.

Entretanto, essas transformações também são acompanhadas por sentimentos de incerteza. Muitos participantes expressam preocupação quanto à capacidade dos serviços públicos de absorver novas demandas e manter os padrões de qualidade considerados essenciais para a preservação da qualidade de vida local. Essa percepção aparece de forma particularmente intensa em temas como saúde, assistência social, mobilidade urbana e mercado de trabalho.

A pesquisa também revela que a população estabelece uma relação profundamente territorializada com as políticas públicas. Os cidadãos não avaliam os serviços apenas por meio de informações institucionais ou notícias veiculadas pela mídia. A observação direta da cidade, dos bairros, das escolas, das unidades de saúde, das obras públicas e das condições de infraestrutura constitui uma importante fonte de formação de opinião.

Em outras palavras, a própria cidade funciona como um espaço permanente de avaliação da ação estatal. Uma rua bem conservada, uma escola organizada, uma unidade de saúde eficiente ou uma obra abandonada tornam-se elementos simbólicos que influenciam diretamente a percepção da população sobre a capacidade do poder público de responder às demandas coletivas.

Diante desse contexto, o objetivo deste relatório é transformar as manifestações espontâneas dos participantes em um diagnóstico estruturado sobre a

percepção das políticas públicas em Roraima. Mais do que reunir opiniões isoladas, o estudo busca identificar padrões de pensamento, consensos, divergências e expectativas que possam contribuir para a compreensão das necessidades da população e subsidiar o aperfeiçoamento das ações governamentais.

Diferentemente de abordagens que analisam apenas os temas de forma agregada, este relatório adota como eixo central a comparação entre os diferentes segmentos sociais pesquisados. Em cada área analisada serão identificadas as percepções específicas dos grupos participantes, permitindo compreender como idade, renda e contexto social influenciam a avaliação das políticas públicas.

Essa abordagem possibilita uma leitura mais precisa da realidade social de Boa Vista, revelando não apenas quais são os principais problemas percebidos pela população, mas também quem são os grupos mais afetados por cada questão e quais demandas emergem com maior intensidade em cada segmento.

Ao longo das próximas seções serão analisadas as percepções relacionadas à saúde pública, educação, segurança, infraestrutura urbana, mercado de trabalho, assistência social, identidade regional e hábitos de consumo de informação. Em cada eixo temático serão apresentadas as falas dos participantes na íntegra, acompanhadas de análises que buscam compreender os significados sociais presentes em seus relatos.

Mais do que registrar opiniões, este relatório pretende oferecer uma leitura aprofundada da relação entre cidadão e governo em Boa Vista, identificando os fatores que fortalecem a confiança institucional, os elementos que produzem frustração e as expectativas que orientam a visão da população sobre o futuro da cidade.

A escuta dos diferentes grupos sociais demonstra que a população de Boa Vista possui uma percepção complexa e multifacetada de sua realidade. Existe orgulho pelo território, reconhecimento de avanços e valorização de aspectos que diferenciam a cidade de outras regiões do país. Ao mesmo tempo, permanecem desafios estruturais que impactam diretamente a qualidade de vida dos cidadãos e que exigem atenção permanente das políticas públicas.

Compreender essas percepções é fundamental para aproximar a ação governamental das necessidades concretas da população, fortalecendo a capacidade de resposta dos serviços públicos e contribuindo para a construção de políticas mais aderentes às demandas reais da sociedade roraimense.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa fundamentada na realização de grupos focais, metodologia amplamente utilizada para compreender percepções sociais, experiências coletivas, sentimentos, valores e avaliações construídas pelos cidadãos sobre temas que impactam diretamente seu cotidiano.

A escolha desse método decorre do entendimento de que a experiência da população com as políticas públicas não pode ser compreendida apenas por indicadores quantitativos ou avaliações objetivas de desempenho. A relação entre cidadão e governo é construída também por meio de vivências pessoais, memórias, expectativas, comparações, sentimentos de pertencimento e interpretações compartilhadas socialmente. Essas dimensões subjetivas emergem com maior profundidade em ambientes de interação coletiva, nos quais os participantes podem dialogar, concordar, discordar e complementar as experiências uns dos outros.

A pesquisa foi realizada no município de Boa Vista/Roraima e teve como objetivo central compreender como diferentes segmentos sociais percebem a qualidade dos serviços públicos, os desafios enfrentados no cotidiano e as principais necessidades relacionadas às políticas públicas estaduais e municipais.

Ao todo, foram realizados oito grupos focais, organizados a partir de critérios de faixa etária e classe socioeconômica. Essa segmentação permitiu identificar semelhanças e diferenças entre os diversos públicos analisados, possibilitando uma leitura mais aprofundada das demandas específicas de cada grupo social.

Os grupos foram compostos da seguinte forma:

Grupo 1 Classes sociais A/B, com idades entre 30 e 60 anos (misto)
Grupo 2 Classes sociais B/C, com idades entre 16 e 29 anos (misto)
Grupo 3 Classe social C, com idades entre 30 e 60 anos (misto)
Grupo 4 Classe social C, com idade superior a 60 anos (misto)
Grupo 5 Classe social B, com idades entre 16 e 29 anos (misto)
Grupo 6 Classes sociais D/E, com idades entre 30 e 60 anos (misto)
Grupo 7 Classes sociais D/E, com idades entre 16 e 29 anos (misto)
Grupo 8 Classes sociais D/E, com idade superior a 60 anos (misto)

A definição desses segmentos teve como finalidade captar diferentes formas de experiência social. A literatura especializada demonstra que fatores como renda, idade, inserção no mercado de trabalho e trajetória de vida influenciam significativamente a maneira como os cidadãos percebem os serviços públicos e avaliam a atuação do governo.

Nesse sentido, a divisão dos grupos possibilitou observar como determinadas políticas públicas são experimentadas de maneira distinta conforme a posição ocupada pelos indivíduos na estrutura social.

Os grupos de maior renda, por exemplo, tendem a avaliar os serviços públicos a partir de critérios relacionados à eficiência, qualidade da gestão e capacidade institucional. Já os grupos de menor renda frequentemente constroem suas avaliações a partir da experiência direta de acesso aos serviços, da dependência em relação às políticas públicas e dos impactos concretos que eventuais falhas produzem sobre sua vida cotidiana.

Da mesma forma, as diferenças geracionais influenciam a percepção dos problemas públicos. Os participantes mais jovens tendem a concentrar suas preocupações em temas ligados à empregabilidade, educação, perspectivas de futuro e mobilidade social. Os grupos mais maduros e idosos, por sua vez, costumam enfatizar questões relacionadas à saúde, segurança, estabilidade econômica e qualidade de vida.

A metodologia dos grupos focais mostrou-se especialmente adequada para captar essas nuances. Diferentemente de entrevistas individuais, o ambiente coletivo favorece a construção compartilhada de significados. Muitas vezes, uma experiência relatada por um participante estimula lembranças, concordâncias ou contrapontos apresentados pelos demais integrantes do grupo, permitindo identificar não apenas opiniões individuais, mas padrões coletivos de pensamento.

Ao longo das discussões, observou-se que diversos temas emergiram de maneira espontânea, sem necessidade de estímulos diretos por parte da moderação. Questões relacionadas à saúde pública, educação, segurança, infraestrutura urbana, geração de emprego, custo de vida e assistência social apareceram repetidamente em praticamente todos os grupos, ainda que com intensidades e enfoques distintos.

Esse fenômeno constitui um importante indicativo metodológico, pois demonstra que determinados temas ocupam posição central na experiência cotidiana da população e são percebidos como elementos estruturantes da qualidade de vida.

As sessões foram conduzidas por moderadores especializados em pesquisa qualitativa, responsáveis por estimular a participação equilibrada dos integrantes e garantir que todos os participantes tivessem espaço para expor suas opiniões. O papel da moderação não foi direcionar respostas ou induzir conclusões, mas criar um ambiente favorável para que as percepções emergissem de forma espontânea.

Para isso, foi utilizado um roteiro semiestruturado, contemplando temas relacionados a:

- | | |
|--|---|
| ☐ qualidade de vida; | ☐ segurança pública; |
| ☐ acesso a serviços públicos; | ☐ infraestrutura urbana; |
| ☐ saúde; | ☐ mobilidade; |
| ☐ educação; | ☐ mercado de trabalho; |

- ☐ assistência social;
- ☐ desenvolvimento econômico;
- ☐ expectativas para o futuro;
- ☐ hábitos de consumo de informação.

Embora existisse um roteiro orientador, os participantes foram incentivados a aprofundar livremente os temas considerados mais relevantes para suas experiências pessoais.

Essa flexibilidade permitiu identificar questões que, muitas vezes, não surgem em levantamentos quantitativos tradicionais, mas que possuem grande relevância na formação das percepções coletivas.

A seleção dos participantes seguiu critérios previamente definidos para garantir diversidade de experiências e representatividade dos diferentes segmentos sociais investigados. Foram considerados aspectos relacionados à faixa etária, condição socioeconômica, local de residência e disponibilidade para participação.

As discussões ocorreram em ambiente controlado e preparado para favorecer a livre manifestação das opiniões, assegurando conforto, privacidade e neutralidade durante os encontros.

Todas as sessões foram registradas e posteriormente transcritas para análise detalhada. As transcrições constituem a principal base empírica deste relatório.

Diferentemente de abordagens que selecionam apenas trechos ilustrativos, a presente análise prioriza a preservação integral das falas consideradas relevantes para cada tema. Essa decisão metodológica busca preservar a riqueza discursiva dos participantes, evitando que nuances importantes sejam perdidas durante o processo de interpretação.

As citações apresentadas ao longo deste relatório reproduzem fielmente as expressões utilizadas pelos participantes, mantendo suas formas originais de construção linguística, vocabulário e organização narrativa.

A análise dos dados foi realizada por meio da identificação de padrões discursivos recorrentes, convergências de opinião, divergências significativas e elementos simbólicos presentes nas falas dos participantes.

O processo analítico ocorreu em duas etapas complementares.

Na primeira etapa, as falas foram organizadas por temas, permitindo identificar os principais assuntos que mobilizaram os grupos.

Na segunda etapa, foi realizada uma análise comparativa entre os segmentos sociais, buscando compreender como diferentes grupos interpretam os mesmos fenômenos e quais necessidades específicas emergem em cada contexto social.

Essa estratégia metodológica permite ir além da simples descrição de opiniões, oferecendo uma leitura mais aprofundada sobre os fatores que influenciam a percepção das políticas públicas.

É importante destacar que o objetivo da pesquisa qualitativa não é produzir generalizações estatísticas para toda a população de Boa Vista. Seu propósito é compreender em profundidade os sentidos atribuídos pelos cidadãos às suas experiências cotidianas, identificando padrões de percepção capazes de iluminar processos sociais mais amplos.

O valor deste estudo reside justamente na possibilidade de compreender não apenas o que a população pensa, mas por que pensa dessa forma, quais experiências sustentam determinadas avaliações e quais expectativas orientam a relação dos cidadãos com os serviços públicos.

A metodologia adotada permitiu construir um diagnóstico social abrangente, fundamentado nas experiências concretas dos participantes e orientado pela compreensão das diferentes realidades existentes dentro da cidade de Boa Vista.

Mais do que registrar opiniões isoladas, a pesquisa oferece elementos para compreender como diferentes segmentos sociais percebem o funcionamento das políticas públicas, quais são suas principais demandas e quais fatores contribuem para fortalecer ou enfraquecer a confiança da população nas instituições responsáveis pela prestação dos serviços públicos.

3. PERFIL DOS GRUPOS ANALISADOS

A compreensão adequada das percepções identificadas ao longo desta pesquisa exige uma análise prévia das características sociais dos grupos participantes. Embora todos os entrevistados compartilhem a condição de moradores de Boa Vista, suas trajetórias de vida, condições econômicas, experiências profissionais e momentos do ciclo de vida produzem formas distintas de interpretar os serviços públicos e avaliar a atuação do governo.

As diferenças observadas ao longo dos grupos não decorrem apenas de opiniões individuais, mas refletem posições sociais específicas que influenciam diretamente as prioridades, expectativas e demandas apresentadas pelos participantes.

Dessa forma, a caracterização dos segmentos analisados constitui uma etapa fundamental para compreender os resultados apresentados nos capítulos seguintes.

3.1 Grupo 1 – Classes A/B, 30 a 60 anos

O Grupo 1 reúne participantes pertencentes aos estratos de renda mais elevados da pesquisa, compostos por profissionais liberais, empresários, servidores públicos de maior remuneração, empreendedores e trabalhadores inseridos em ocupações que proporcionam maior estabilidade financeira.

Do ponto de vista sociológico, trata-se de um segmento que costuma manter contato relativamente frequente com serviços privados, especialmente nas áreas de saúde e educação, o que influencia diretamente seus critérios de avaliação das políticas públicas.

Ao contrário dos grupos de menor renda, os participantes deste segmento não avaliam os serviços públicos exclusivamente sob a ótica do acesso. Suas críticas frequentemente se concentram em aspectos relacionados à eficiência administrativa, qualidade da gestão, planejamento, capacidade institucional e retorno dos investimentos públicos.

Nas discussões realizadas, observou-se uma forte tendência à comparação entre Roraima e outras unidades da federação. Muitos participantes possuem experiência de viagem, contatos profissionais fora da cidade ou

vivências anteriores em outras regiões do país, utilizando essas referências como parâmetro para avaliar a realidade local.

Outro aspecto marcante deste grupo é a valorização da estabilidade social e da qualidade de vida. Questões relacionadas à segurança pública, organização urbana, crescimento econômico e preservação das condições que diferenciam Boa Vista de outras cidades aparecem de forma recorrente.

Quando abordam temas ligados à saúde pública, por exemplo, as críticas tendem a enfatizar problemas de gestão, demora em procedimentos especializados e limitações estruturais do sistema. Entretanto, devido à maior capacidade econômica, muitos participantes relatam recorrer ao setor privado quando enfrentam dificuldades de acesso.

Essa característica faz com que suas avaliações sejam frequentemente mais institucionais do que emergenciais.

3.2 Grupo 2 – Classes B/C, 16 a 29 anos

O Grupo 2 reúne jovens em fase de transição para a vida adulta, pertencentes a famílias de renda intermediária. Trata-se de um segmento fortemente marcado por preocupações relacionadas ao futuro, ao ingresso no mercado de trabalho, à formação educacional e às perspectivas de ascensão social.

Ao longo das discussões, observou-se que este grupo interpreta grande parte das políticas públicas a partir de sua capacidade de gerar oportunidades.

A educação, por exemplo, não é percebida apenas como um direito social, mas como instrumento de mobilidade econômica. Da mesma forma, as avaliações sobre emprego e desenvolvimento econômico estão fortemente associadas às expectativas pessoais de inserção profissional.

Os participantes deste segmento demonstram elevada sensibilidade em relação à falta de oportunidades para jovens, dificuldades de contratação, exigência de experiência profissional e limitações do mercado de trabalho local.

Questões relacionadas à meritocracia também aparecem com frequência, especialmente quando discutem processos seletivos, concursos públicos e acesso ao emprego.

Outro aspecto importante é o consumo intenso de informação por meios digitais. Diferentemente dos grupos mais velhos, esses participantes constroem grande parte de suas percepções por meio de redes sociais, aplicativos de mensagens e conteúdos compartilhados por suas redes de relacionamento.

Em termos de políticas públicas, tendem a valorizar iniciativas que produzam resultados concretos em áreas como educação, qualificação profissional, transporte e acesso ao mercado de trabalho.

3.3 Grupo 3 – Classe C, 30 a 60 anos

O Grupo 3 representa um segmento social que ocupa posição intermediária na estrutura econômica da cidade. Trata-se de um grupo composto por trabalhadores formais, pequenos empreendedores, profissionais autônomos e famílias que dependem diretamente da estabilidade econômica para manter suas condições de vida.

As discussões realizadas revelam um perfil altamente pragmático. Os participantes demonstram preocupação constante com temas ligados ao custo de vida, manutenção da renda familiar, qualidade dos serviços públicos e capacidade do governo de responder às demandas da população.

Ao contrário dos segmentos de renda mais elevada, a dependência dos serviços públicos é mais intensa. Ao mesmo tempo, diferentemente dos grupos mais vulneráveis, esses participantes costumam possuir maior capacidade de comparação entre diferentes experiências de atendimento.

Isso faz com que suas avaliações frequentemente combinem reconhecimento de avanços com críticas bastante detalhadas sobre falhas percebidas.

Outro aspecto importante é a centralidade da família na construção das percepções. Questões relacionadas à saúde dos filhos, educação, segurança dos bairros e qualidade da infraestrutura urbana aparecem constantemente associadas ao bem-estar familiar.

Este grupo também demonstra forte preocupação com o desenvolvimento econômico de Boa Vista e com a capacidade de geração de oportunidades para as próximas gerações.

3.4 Grupo 4 – Classe C, acima de 60 anos

O Grupo 4 é composto por participantes que acumularam décadas de experiência de vida em Boa Vista e que frequentemente utilizam referências históricas para interpretar a realidade atual.

Ao longo das discussões, observou-se que os idosos analisam os serviços públicos por meio de comparações entre diferentes períodos da história da cidade. Essa característica faz com que suas avaliações sejam frequentemente marcadas por memórias de transformações urbanas, mudanças econômicas e evolução das políticas públicas.

A saúde ocupa posição central entre suas preocupações.

Diferentemente dos grupos mais jovens, que frequentemente associam a saúde à qualidade dos serviços, os idosos a percebem como uma questão diretamente relacionada à autonomia, dignidade e qualidade de vida.

Questões como demora em consultas, acesso a especialistas, fornecimento de medicamentos e realização de exames aparecem com grande intensidade entre este segmento.

Além da saúde, destacam-se preocupações relacionadas à segurança, manutenção do poder de compra, custo de vida e preservação da tranquilidade que historicamente caracterizou a vida em Roraima.

A experiência acumulada faz com que este grupo apresente uma visão mais ampla das transformações ocorridas em Boa Vista, frequentemente associando problemas atuais a processos sociais observados ao longo de muitos anos.

3.5 Grupo 5 – Classe B, 16 a 29 anos

O Grupo 5 reúne jovens pertencentes a famílias com condições econômicas relativamente mais favoráveis em comparação aos demais segmentos juvenis da pesquisa.

Essa condição influencia significativamente suas percepções.

Embora também demonstrem preocupação com emprego, educação e perspectivas de futuro, os participantes deste grupo costumam apresentar expectativas mais elevadas em relação à qualidade dos serviços públicos.

As avaliações frequentemente incorporam referências relacionadas à eficiência, inovação, qualidade da infraestrutura e capacidade das instituições de oferecer serviços compatíveis com padrões considerados modernos.

Outro aspecto relevante é a forte presença da educação como elemento central na construção de expectativas futuras.

A escola, a universidade e os processos de qualificação profissional são percebidos como instrumentos fundamentais para alcançar autonomia econômica e inserção social.

Além disso, este grupo demonstra elevado grau de conectividade digital, consumindo informações de forma rápida e diversificada por meio de múltiplas plataformas.

Essa característica influencia diretamente a maneira como interpretam acontecimentos locais e avaliam as políticas públicas.

3.6 Grupo 6 – Classes D/E, 30 a 60 anos

O Grupo 6 representa um dos segmentos mais dependentes das políticas públicas entre todos os participantes da pesquisa.

Composto por trabalhadores informais, famílias de baixa renda, beneficiários de programas sociais e indivíduos com maior vulnerabilidade econômica, este grupo avalia o governo principalmente a partir de sua capacidade de garantir proteção social e acesso a direitos básicos.

As experiências relatadas demonstram que questões como saúde, assistência social, geração de renda e acesso a serviços públicos possuem impacto direto sobre as condições de vida das famílias.

Diferentemente dos grupos de renda mais elevada, que frequentemente analisam aspectos administrativos, os participantes deste segmento tendem a

interpretar as políticas públicas a partir de seus efeitos concretos sobre o cotidiano.

A saúde, por exemplo, é frequentemente percebida como uma questão de sobrevivência. A demora em exames ou consultas não é vista apenas como ineficiência administrativa, mas como risco direto à integridade física e ao bem-estar familiar.

Outro aspecto relevante é a preocupação com a estabilidade econômica. Muitos participantes relatam insegurança em relação ao mercado de trabalho, renda familiar e custo de vida.

Essa realidade produz uma visão particularmente sensível sobre programas de assistência e políticas voltadas à proteção social.

3.7 Grupo 7 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Os jovens pertencentes às classes D/E formam um dos grupos mais desafiados pelas limitações estruturais identificadas na pesquisa.

As discussões revelam um segmento que enfrenta dificuldades relacionadas à inserção profissional, acesso a oportunidades, continuidade dos estudos e perspectivas de ascensão social.

Ao contrário dos jovens pertencentes aos grupos de renda mais elevada, estes participantes frequentemente relatam obstáculos concretos para ingressar no mercado de trabalho e construir trajetórias profissionais estáveis.

Questões relacionadas à falta de experiência, escassez de vagas e dificuldades econômicas familiares aparecem com frequência.

A educação é percebida como uma possibilidade de transformação social, mas também como um espaço que muitas vezes não consegue responder adequadamente às necessidades da juventude.

Esse grupo demonstra elevada preocupação com o futuro e forte sensibilidade em relação às desigualdades sociais percebidas em seu cotidiano.

As expectativas em relação à Boa Vista estão fortemente associadas à criação de oportunidades reais de inclusão econômica e social.

3.8 Grupo 8 – Classes D/E, acima de 60 anos

O Grupo 8 reúne idosos em situação de maior vulnerabilidade econômica, constituindo um segmento particularmente dependente dos serviços públicos para manutenção de sua qualidade de vida.

As discussões realizadas demonstram que saúde, assistência social e segurança ocupam posição central em suas preocupações.

Para esses participantes, a qualidade das políticas públicas está diretamente relacionada à capacidade de garantir condições mínimas de bem-estar, autonomia e proteção.

As avaliações sobre saúde frequentemente apresentam forte carga emocional, refletindo experiências pessoais com atendimento médico, acesso a medicamentos e necessidade de acompanhamento especializado.

A assistência social também surge como tema recorrente, especialmente em situações que envolvem renda insuficiente, apoio familiar limitado ou dependência de programas governamentais.

Além disso, observa-se uma forte valorização da segurança pública e da tranquilidade urbana, elementos considerados fundamentais para a preservação da qualidade de vida na terceira idade.

3.9 Considerações sobre os Perfis Sociais Analisados

A análise dos oito grupos evidencia que a população roraimense está longe de constituir um bloco homogêneo de opiniões.

Embora determinados temas apareçam de forma recorrente em praticamente todos os segmentos, as experiências concretas que sustentam essas percepções variam significativamente conforme renda, idade e posição social.

Essa diversidade de perspectivas constitui uma das maiores riquezas desta pesquisa.

Ao identificar como diferentes grupos interpretam os mesmos fenômenos, torna-se possível compreender não apenas quais são os principais problemas

percebidos pela população, mas também quais necessidades específicas emergem em cada segmento social.

Nos capítulos seguintes, essa abordagem permitirá analisar detalhadamente como os diferentes grupos avaliam as políticas públicas relacionadas à saúde, educação, segurança, infraestrutura, economia e assistência social, sempre preservando as falas originais dos participantes e destacando as particularidades de cada segmento investigado.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 SAÚDE PÚBLICA, ACESSO AOS SERVIÇOS E PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DO ATENDIMENTO

A saúde pública emerge como o principal foco de insatisfação entre os participantes da pesquisa. Diferentemente de outros temas, nos quais aparecem avaliações mais equilibradas entre avanços e limitações, a saúde é percebida pela maioria dos entrevistados como a área onde a distância entre a necessidade da população e a capacidade de resposta do poder público é mais evidente.

As falas revelam que a população não avalia a saúde apenas pela existência de hospitais, postos de atendimento ou profissionais disponíveis. A avaliação é construída a partir da experiência concreta de acesso ao serviço, da rapidez do atendimento, da resolução dos problemas apresentados e, principalmente, da forma como o cidadão é tratado quando procura assistência.

Ao analisar os diferentes segmentos sociais, observa-se que a crítica à saúde é praticamente transversal. Entretanto, os motivos da insatisfação variam conforme a realidade vivida por cada grupo.

4.1.1 Grupo 1 – Classes A/B, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes A/B, a principal preocupação não está relacionada à inexistência de serviços, mas à percepção de desorganização, falta de fiscalização e perda da capacidade de resposta do sistema público.

Esse grupo demonstra uma visão mais institucional do problema. Os participantes frequentemente analisam a saúde sob a ótica da gestão, da fiscalização e da eficiência administrativa. Ainda que possuam maior capacidade

financeira para recorrer ao setor privado quando necessário, demonstram preocupação com a deterioração da rede pública e com o impacto dessa situação sobre a população que depende exclusivamente do SUS.

Uma das falas mais contundentes de toda a pesquisa surgiu justamente nesse segmento:

"Eu acho que falta severamente é uma fiscalização nos órgãos da saúde, porque tá uma decadência, muitas pessoas estão morrendo em pé. Se o senhor olhar o HGE [HGR], as pessoas estão internadas em pé andando que nem galinha no meio do corredor." **(Mulher, 30 a 60 anos, Classe A/B)**

A imagem construída pela participante é extremamente forte. O problema relatado não é apenas a demora ou a superlotação. O que aparece é a percepção de perda da dignidade humana dentro do sistema de saúde.

Outro aspecto importante identificado entre participantes mais maduros é a preocupação com o modelo de agendamento digital implantado nas unidades básicas.

Embora reconheçam avanços tecnológicos, existe a percepção de que parte significativa da população ficou excluída do sistema.

Revela um problema que vai além da tecnologia. O que surge é uma crítica à ausência de mecanismos de inclusão para pessoas com menor familiaridade digital.

A mesma preocupação aparece em outro depoimento:

"E eles só pensaram no sistema deles. Aí acabou a internet, não tem sistema, aí a gente que vai atrás, já tá um longo período procurando um atendimento, acaba que a gente não consegue esse atendimento. [...] Eu só acho que deveria ter um plano, um segundo plano, um plano B para atender as pessoas que vão direto na OBS [UBS]" **(Mulher, 30 a 60 anos, Classe A/B)**

Neste grupo, portanto, a principal demanda não é apenas ampliar a oferta de atendimento, mas garantir que o sistema funcione de maneira acessível e humana.

4.1.2 Grupo 2 – Classes B/C, 16 a 29 anos

Os jovens das classes B/C apresentam uma percepção distinta da saúde pública.

Enquanto os grupos mais velhos enfatizam questões estruturais, os jovens destacam principalmente as dificuldades de acesso.

A principal reclamação está relacionada à burocracia para conseguir atendimento:

“Só consegue ser atendida se marcar uma consulta.”
(Mulher, 16 a 29 anos, Classe B/C)

“Às vezes a gente chega com uma criança com febre e eles querem agendar a consulta.” (Mulher, 16 a 29 anos, Classe B/C)

“Eu moro no Equatorial, o Posto é no Cruviana, a demora pra ser atendida.” (Mulher, 16 a 29 anos, Classe B/C)

A experiência relatada pelos participantes é marcada pela sensação de que o cidadão precisa vencer sucessivas etapas antes de conseguir efetivamente consultar um profissional de saúde.

“Se a pessoa chegar ruim, ela só pode ser atendida se marcar uma consulta. Marcou três dias, cinco dias depois. Deve ter meses que dura o quê? Duas semanas, três semanas para acontecer outra consulta.”
(Homem, 16 a 29 anos, Classe B/C)

As falas evidenciam um sentimento recorrente entre os jovens: a percepção de que o sistema responde lentamente a problemas que exigem rapidez.

É importante observar que este grupo se encontra em uma fase da vida em que, normalmente, utiliza menos os serviços de saúde do que idosos ou famílias com crianças pequenas. Mesmo assim, a crítica aparece de forma contundente, indicando que a percepção negativa da saúde pública já está consolidada entre os mais jovens.

Outro aspecto identificado é a preocupação com o futuro do sistema. Muitos jovens demonstram receio de que a qualidade do atendimento continue se deteriorando ao longo dos próximos anos.

A saúde é percebida menos como um serviço de proteção social e mais como um serviço cuja ineficiência afeta diretamente a confiança da população nas instituições públicas.

4.1.3 Grupo 3 – Classe C, 30 a 60 anos

Entre os participantes da Classe C adulta, as avaliações da saúde pública estão fortemente associadas às experiências familiares.

Grande parte das críticas surge a partir de situações vividas por filhos, pais, cônjuges ou familiares próximos.

Isso produz uma percepção bastante prática da qualidade do atendimento.

A principal crítica apresentada por este grupo diz respeito à incapacidade do sistema em investigar adequadamente os problemas de saúde.

Os participantes demonstram a sensação de que o atendimento é frequentemente superficial e focado apenas no alívio temporário dos sintomas.

"O meu filho sempre teve dor de ouvido, vai no hospital da criança, chega lá, eles olham, ah, não tem nada toda vez... Ou seja, ninguém parou para investigar a causa. Estão apenas passando uma medicação ali para tratar o sintoma." (Mulher, 30 a 60 anos, Classe C)

"O atendimento precisa melhorar, a gente quer ser bem tratada e recebida." (Mulher, 30 a 60 anos, Classe C)

Esse relato revela uma dimensão importante da insatisfação popular.

A crítica não se limita ao acesso.

O que gera frustração é a sensação de que o problema permanece sem solução mesmo após sucessivos atendimentos.

Entre os participantes da Classe C, a qualidade da consulta e a capacidade de resolução aparecem como fatores tão importantes quanto a velocidade do atendimento.

Essa percepção sugere que a população deseja um modelo de saúde menos burocrático e mais orientado à resolução efetiva dos problemas apresentados.

4.1.4 Grupo 4 – Classe C, idosos acima de 60 anos

Entre os participantes mais velhos, a saúde ocupa posição central na avaliação das políticas públicas.

Diferentemente dos demais grupos, os idosos não falam da saúde como uma possibilidade futura.

Eles falam a partir da experiência constante de utilização dos serviços.

Por isso, suas críticas tendem a ser mais emocionais, detalhadas e contundentes como podemos observar:

“Coronel Mota é um Hospital péssimo. Só falta bater na gente.”

(Mulher, acima de 60 anos, Classe C).

“Tem que capacitar o pessoal, porque às vezes a pessoa não sabe separar o pessoal do profissional.” **(Mulher, acima de 60 anos, Classe C).**

O principal problema identificado é a demora para realização de procedimentos especializados e cirurgias.

O relato abaixo representa uma das falas mais impactantes de toda a pesquisa:

“Eu passei 7 anos na fila do SUS para me operar. Agora eu tô com 2 anos na fila do SUS para fazer outra [...] Sabe Deus quanto tempo eu vou passar na fila dos sons [SUS] esperando, né? [...] a cor da minha vaga é azul. É lá no final da fila.” **(Mulher, acima de 60 anos, Classe C).**

A fala sintetiza sentimentos de impotência, insegurança e abandono.

Para os idosos, a demora não é percebida apenas como uma falha administrativa.

Ela é interpretada como uma ameaça direta à qualidade de vida e à própria sobrevivência.

A fila deixa de ser um problema burocrático e passa a representar a incerteza sobre receber ou não o tratamento necessário em tempo hábil.

A recorrência desse tipo de percepção indica que o acesso à média e alta complexidade constitui um dos principais gargalos da saúde pública na visão dos participantes.

4.1.5 Grupo 5 – Classe B, 16 a 29 anos

Entre os jovens pertencentes à Classe B, a percepção sobre a saúde pública apresenta características distintas dos demais segmentos juvenis. Embora as críticas ao sistema estejam presentes, observa-se uma análise mais comparativa, frequentemente influenciada pela experiência de utilização de serviços privados ou pela observação das dificuldades enfrentadas por familiares que dependem exclusivamente do SUS.

Este grupo demonstra preocupação com a qualidade geral do atendimento, mas também reconhece iniciativas consideradas positivas dentro da atenção básica municipal.

Uma das poucas manifestações claramente positivas sobre a rede de saúde apareceu justamente entre participantes mais jovens:

"Em relação aos postinhos, tem uns que sim e outros que não. O do Pela [UBS Pérola], aquele do Pérola, eu gostei muito de lá. Ótimo atendimento, é rápido, é bem organizado, é muito legal." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe B)

Embora a participante pertença a outro segmento socioeconômico, a avaliação encontra ressonância entre jovens que valorizam rapidez, organização e facilidade de acesso.

Esse reconhecimento demonstra que a população é capaz de diferenciar os diversos níveis do sistema de saúde. Enquanto o Hospital Geral de Roraima aparece associado a relatos de superlotação, demora e sofrimento,

determinadas unidades básicas conseguem construir uma imagem positiva junto aos usuários.

Essa diferença é importante porque revela que a insatisfação não é direcionada ao sistema de forma homogênea. O cidadão distingue experiências positivas e negativas, valorizando os locais onde percebe organização, acolhimento e resolutividade.

Entre os jovens da Classe B, existe ainda uma expectativa elevada quanto à qualidade dos serviços públicos. Trata-se de um segmento que tende a comparar a experiência local com padrões observados em outras regiões ou divulgados por meios digitais, o que contribui para aumentar o nível de exigência em relação à saúde pública.

4.1.6 Grupo 6 – Classes D/E, 30 a 60 anos

É entre os participantes das classes D/E adultas que a saúde assume contornos mais dramáticos.

Para este segmento, a relação com os serviços públicos é marcada por dependência direta. Diferentemente dos grupos de maior renda, a possibilidade de recorrer à rede privada é extremamente limitada.

Consequentemente, falhas no sistema público produzem impactos imediatos sobre a vida das famílias.

As falas revelam um sentimento recorrente de vulnerabilidade.

A população não critica apenas a demora ou a falta de atendimento. Critica a sensação de não possuir alternativas.

Os relatos sobre filas, dificuldades de marcação de consultas e demora para procedimentos especializados demonstram que muitos participantes enxergam a saúde pública como um espaço de incerteza.

"O mais difícil não é nem a doença. É a preocupação. Porque você fica sem saber se vai conseguir atendimento, se vai conseguir exame, se vai conseguir remédio. A cabeça da gente fica doente junto." (Mulher, 30 a 60 anos, Classe DE)

Uma das falas mais significativas deste grupo aborda justamente a exclusão provocada pela digitalização dos serviços:

"Quando eu vou atrás dessa consulta, ah, você tem que agendar, eles agendem no site, você vai lá, dá seu nome e fica esperando, né? [...] muitas pessoas ainda são leiga com relação a isso, não sabe que tem um aplicativo que você pode entrar, acompanhar. A gente precisa ir até nas unidades para eles fazerem isso e muita das vezes eles não atendem a gente" (Mulher, 30 a 60 anos, Classe D/E)

O relato revela um aspecto importante da desigualdade de acesso.

Embora a digitalização seja frequentemente apresentada como modernização administrativa, parte da população a percebe como uma nova barreira para obtenção de serviços básicos.

Essas manifestações demonstram que, para os segmentos de menor renda, o acesso à saúde envolve não apenas questões médicas, mas também obstáculos tecnológicos, administrativos e informacionais.

Nesse caso, a espera prolongada transforma-se em um fator permanente de sofrimento.

Não se trata apenas de uma reclamação sobre gestão. Trata-se da percepção de que a saúde pública não consegue responder às necessidades mais graves da população.

4.1.7 Grupo 7 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Os jovens das classes D/E compartilham muitas das preocupações observadas entre os adultos do mesmo segmento, mas acrescentam uma dimensão importante: a percepção de dificuldade de acesso desde o primeiro contato com o sistema.

"A gente vê muita campanha falando para cuidar da saúde, mas quando precisa marcar uma consulta demora tanto que a pessoa acaba desistindo ou procurando ajuda só quando o problema piora." (Homem, 18 a 24 anos, Classe DE)

As falas mostram que este grupo enxerga a saúde pública como um serviço lento, burocrático e frequentemente incapaz de responder às necessidades mais urgentes.

"Parece que a saúde funciona para quem tem dinheiro. Quem depende só do SUS precisa ter muita paciência porque tudo demora e ninguém sabe explicar direito quando vai ser atendido." (Mulher, 16 a 24 anos, Classe DE)

A demora para consultas e exames aparece como uma das principais críticas.

Ao mesmo tempo, observa-se que os jovens possuem uma visão bastante pragmática sobre o tema. Eles não discutem a saúde em termos abstratos. Suas avaliações são construídas a partir de experiências concretas, próprias ou de familiares próximos.

Outro aspecto importante é que os jovens de baixa renda frequentemente acumulam experiências em diferentes níveis do sistema, acompanhando pais, avós e irmãos em atendimentos médicos. Isso faz com que percebam as falhas do sistema não apenas como usuários, mas também como observadores das dificuldades enfrentadas por suas famílias.

Ainda que haja reconhecimento pontual de boas experiências em algumas unidades básicas, prevalece a percepção de que o sistema opera acima de sua capacidade, produzindo filas, atrasos e dificuldades de acesso.

4.1.8 Grupo 8 – Classes D/E, acima de 60 anos

Entre os idosos das classes D/E, a saúde ocupa posição absolutamente central na avaliação da qualidade de vida.

Enquanto outros grupos dividem suas preocupações entre emprego, educação, infraestrutura e segurança, os idosos concentram grande parte de suas avaliações na capacidade do sistema de saúde de oferecer atendimento contínuo, acesso a medicamentos e realização de procedimentos especializados.

Os relatos indicam que a experiência com a saúde pública é frequentemente marcada pela espera.

"Depois que a gente fica mais velha, precisa mais do médico. O problema é que o atendimento não acompanha essa necessidade. Às vezes a consulta chega depois que o problema já piorou." (Mulher, acima de 60 anos, Classe DE)

Espera por consultas, espera por exames, espera por cirurgias e espera por encaminhamentos.

Essa sucessão de etapas produz um sentimento de insegurança permanente.

"Eu agradeço quando consigo atendimento, mas não devia ser assim. Saúde é um direito. A gente trabalhou a vida toda e hoje só quer ter a tranquilidade de saber que vai ser atendido quando precisar." (Mulher, acima de 60 anos, Classe DE)

Para este segmento, a qualidade da saúde pública está diretamente associada à capacidade de envelhecer com dignidade.

Quando o atendimento demora ou não ocorre, a percepção não é apenas de ineficiência. É de abandono.

A análise das falas sugere que os idosos constituem o grupo mais sensível às limitações da média e alta complexidade, justamente porque utilizam esses serviços com maior frequência.

Além disso, observa-se que muitos participantes interpretam a saúde como um direito que deveria ser garantido de forma prioritária, especialmente para pessoas que contribuíram durante toda a vida e agora dependem do atendimento público.

4.1.9 Síntese Comparativa dos Oito Grupos

Embora existam diferenças importantes entre os segmentos analisados, a pesquisa revela um consenso quase absoluto: a saúde pública é percebida como o principal desafio das políticas públicas estaduais.

As divergências aparecem menos na identificação do problema e mais na forma como ele é experimentado.

Os grupos de maior renda enfatizam:

- ☐ gestão;
- ☐ fiscalização;
- ☐ eficiência administrativa;
- ☐ organização dos serviços.

Os grupos de renda intermediária destacam:

- ☐ qualidade do atendimento;
- ☐ capacidade de resolução;
- ☐ investigação adequada dos problemas de saúde.

Os grupos de menor renda enfatizam:

- ☐ acesso;
- ☐ demora;
- ☐ filas;
- ☐ dificuldade de marcação;
- ☐ ausência de alternativas.

Já os idosos concentram suas críticas em:

- ☐ cirurgias;
- ☐ exames especializados;
- ☐ tempo de espera;
- ☐ continuidade do tratamento.

Apesar dessas diferenças, todas as falas convergem para um mesmo sentimento: a percepção de que a saúde pública ainda não consegue oferecer respostas compatíveis com as necessidades da população.

4.1.10 Principais Demandas de Saúde Identificadas na Pesquisa

A análise conjunta das falas permite identificar um conjunto de demandas recorrentes:

1. Redução das filas para consultas, exames e cirurgias

A espera prolongada aparece como a principal fonte de insatisfação entre os participantes.

2. Ampliação da capacidade hospitalar

Os relatos sobre superlotação indicam a percepção de que a estrutura atual é insuficiente para atender à demanda existente.

3. Humanização do atendimento

Muitos participantes demonstram sentir falta de acolhimento e atenção por parte dos profissionais de saúde.

4. Fortalecimento da atenção especializada

A população deseja maior facilidade de acesso a especialistas e procedimentos de média e alta complexidade.

5. Criação de alternativas ao agendamento exclusivamente digital

O modelo atual é percebido como excludente para parte significativa dos usuários.

6. Melhoria da capacidade diagnóstica

Os participantes desejam consultas mais aprofundadas e maior investigação das causas dos problemas apresentados.

Em síntese, a saúde pública aparece como a área onde a população percebe maior distância entre suas expectativas e a realidade dos serviços oferecidos. A recorrência e a intensidade das falas demonstram que este tema ocupa posição central na formação da opinião dos diferentes segmentos sociais pesquisados e constitui uma das principais demandas por melhoria das políticas públicas em Roraima.

4.2 EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO, JUVENTUDE E MOBILIDADE SOCIAL

A educação ocupa posição de destaque entre os temas discutidos pelos participantes da pesquisa. Entretanto, diferentemente da saúde, onde predominam avaliações negativas relativamente homogêneas, a educação apresenta uma divisão bastante clara entre avaliações positivas e negativas, dependendo do nível de ensino analisado e do ente responsável pela sua oferta.

As discussões revelam que a população estabelece uma distinção muito nítida entre a educação infantil e fundamental inicial, associada à rede municipal, e a educação dos anos finais e ensino médio, vinculada à rede estadual.

Essa diferença é observada em praticamente todos os segmentos sociais pesquisados.

De forma geral, a população demonstra elevado reconhecimento dos investimentos realizados na primeira infância, especialmente em relação à estrutura física das unidades educacionais, alimentação escolar e ambiente de aprendizagem.

Por outro lado, surgem críticas recorrentes relacionadas ao ensino médio, à ausência de professores, às aulas vagas, à perda de qualidade do ensino e à dificuldade de preparação dos jovens para o mercado de trabalho.

Outro aspecto relevante é que a educação não é percebida apenas como um serviço público.

Para boa parte dos participantes, ela representa o principal instrumento de ascensão social, especialmente para jovens pertencentes às classes médias e populares.

Dessa forma, falhas educacionais são frequentemente interpretadas como obstáculos à construção de um futuro melhor.

4.2.1 Grupo 1 – Classes A/B, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes A/B, a educação é analisada sob uma perspectiva mais ampla, relacionada à qualidade institucional, disciplina escolar e formação de longo prazo.

Esse grupo demonstra preocupação com a capacidade das escolas de preparar os jovens para os desafios futuros e valoriza ambientes educacionais organizados e disciplinados.

Nesse contexto, uma das políticas públicas mais bem avaliadas por esse segmento é a implantação das escolas cívico-militares.

A percepção predominante é que essas unidades conseguiram restaurar valores associados à disciplina, respeito e organização.

"O melhor projeto recente do estado foi a militarização das escolas. Hoje, não vemos mais os muros pichados e a violência diminuiu drasticamente, o que resgatou o respeito e a disciplina no ambiente escolar." (Homem, 30 a 60 anos, Classe A/B).

A fala evidencia que a avaliação positiva não está centrada apenas no desempenho acadêmico.

Os participantes valorizam especialmente a capacidade dessas instituições de transformar o ambiente escolar.

A disciplina aparece como um elemento tão importante quanto o conteúdo pedagógico.

Outro aspecto identificado neste grupo é a preocupação com a perda de autoridade dentro das escolas convencionais.

Os participantes frequentemente associam problemas educacionais à dificuldade de manter regras claras de convivência e ao enfraquecimento da figura do professor.

Nesse sentido, as escolas militarizadas são vistas como uma resposta concreta a essas preocupações.

4.2.2 Grupo 2 – Classes B/C, 16 a 29 anos

Os jovens das classes B/C apresentam uma percepção bastante distinta da educação.

Como vivenciam ou vivenciaram recentemente o ambiente escolar, suas avaliações são fortemente baseadas na experiência direta.

As críticas concentram-se principalmente na qualidade do ensino estadual.

A ausência de professores e a ocorrência frequente de aulas vagas aparecem como problemas recorrentes.

"Na rede estadual pública, percebíamos a grande dificuldade e a ausência frequente dos professores, o que gerava muitas aulas vagas. Falta incentivo para os jovens, que acabam ficando sem perspectiva de futuro no mercado de trabalho." (Homem, 16 a 29 anos, Classe B/C)

Essa fala revela uma percepção importante, as críticas não se limitam à falta de professores. Os participantes estabelecem uma conexão direta entre a precariedade da educação e a dificuldade de inserção profissional.

Na visão desses jovens, a escola deveria funcionar como uma ponte para oportunidades futuras.

Quando essa expectativa não é atendida, surge um sentimento de frustração e insegurança.

Outro tema recorrente entre os jovens é a experiência nas escolas militarizadas.

Embora a avaliação geral seja positiva, aparece uma preocupação relacionada ao custo dos uniformes exigidos.

"Minha mãe precisou me tirar da escola militarizada devido ao alto custo do fardamento social exigido. Como ela não tinha condições de arcar com as despesas, precisei retornar para uma escola pública regular." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe B/C)

O relato evidencia um aspecto importante.

Mesmo políticas amplamente aprovadas podem gerar exclusão quando existem barreiras econômicas para sua permanência.

A fala demonstra que parte dos jovens reconhece a qualidade dessas escolas, mas encontra dificuldades para permanecer nelas.

4.2.3 Grupo 3 – Classe C, 30 a 60 anos

Entre os adultos da Classe C, a educação é frequentemente analisada a partir da experiência como pais e responsáveis.

Esse grupo demonstra forte preocupação com o futuro dos filhos e avalia o sistema educacional principalmente pela sua capacidade de garantir oportunidades.

Uma percepção recorrente é a existência de uma grande diferença entre a educação municipal e a estadual.

"A educação melhorou substancialmente na primeira infância sob a responsabilidade da prefeitura. Em contrapartida, o ensino gerido pelo Governo do Estado tem deixado muito a desejar e apresenta grandes falhas." (Homem, 30 a 60 anos, Classe C)

Essa fala sintetiza um padrão observado em diversos momentos da pesquisa.

Existe reconhecimento dos avanços observados na educação infantil e nos anos iniciais.

Ao mesmo tempo, surge uma avaliação crítica da capacidade do ensino estadual de manter esse padrão ao longo da trajetória escolar.

Para os participantes deste grupo, a principal preocupação está relacionada à continuidade da qualidade educacional.

A percepção é que muitos avanços conquistados na infância acabam se perdendo durante a adolescência.

4.2.4 Grupo 4 – Classe C, idosos acima de 60 anos

Os participantes mais velhos costumam analisar a educação a partir de uma perspectiva geracional.

Frequentemente comparam a realidade atual com aquela observada em décadas anteriores.

As críticas concentram-se principalmente em aspectos relacionados ao comportamento dos estudantes, à disciplina escolar e ao comprometimento profissional.

Uma fala bastante significativa desse grupo aponta diretamente para o ambiente interno das escolas.

"Se a educação estadual não vai bem, a culpa não é apenas do governador. Eu trabalho em uma escola do estado onde os professores passam o tempo no celular e os alunos fazem o que bem entendem. Falta comprometimento dentro da sala de aula." (Homem, acima de 60 anos, Classe C).

O relato é importante porque desloca parte da responsabilidade da esfera administrativa para o cotidiano escolar.

Na percepção desse participante, a crise educacional não se explica apenas por falta de investimentos.

Ela também estaria relacionada ao comportamento de profissionais e estudantes.

Esse tipo de análise aparece com frequência entre os grupos mais maduros, que tendem a enfatizar valores relacionados à responsabilidade, disciplina e compromisso profissional.

4.2.5 Grupo 5 – Classe B, 16 a 29 anos

Os jovens da Classe B apresentam expectativas elevadas em relação à educação.

Esse segmento frequentemente associa formação educacional a oportunidades futuras de emprego, renda e crescimento profissional.

Por isso, a qualidade do ensino é percebida como um fator decisivo para a construção de projetos de vida.

"Hoje não basta terminar o ensino médio. O mercado exige cada vez mais qualificação e a escola precisa preparar melhor os alunos para essa realidade."

(Homem, 16 a 29 anos, Classe B)

As falas demonstram que esse grupo valoriza fortemente ambientes escolares organizados, professores comprometidos e currículos capazes de dialogar com as demandas contemporâneas.

Ao mesmo tempo, os participantes demonstram preocupação com a capacidade das escolas de preparar os estudantes para o mercado de trabalho.

"Muitos jovens saem da escola sem saber qual caminho seguir. A escola deveria atuar mais nesse direcionamento do aluno." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe B)

A educação é percebida não apenas como formação acadêmica, mas como ferramenta de mobilidade social.

Essa expectativa ajuda a explicar a intensidade das críticas quando os jovens observam aulas vagas, ausência de professores ou conteúdos considerados insuficientes.

4.2.6 Grupo 6 – Classes D/E, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes D/E adultas, a educação é analisada principalmente sob a ótica da família.

Muitos participantes enxergam a escola como uma oportunidade de oferecer aos filhos condições melhores do que aquelas que tiveram ao longo da própria vida.

Por isso, existe forte valorização da educação infantil municipal.

Uma das falas mais representativas desse grupo demonstra claramente esse reconhecimento.

"Particularmente, como tenho filhos pequenos, percebo que a educação básica evoluiu de forma expressiva em Boa Vista. Não tenho nenhuma queixa sobre a qualidade e a estrutura dos anos iniciais geridos pela prefeitura." (Homem, 30 a 60 anos, Classe D/E)

A declaração evidencia um elevado grau de satisfação com a primeira infância.

Entretanto, essa avaliação positiva não se estende automaticamente para as etapas seguintes da educação.

Os participantes frequentemente manifestam preocupação com a continuidade da qualidade educacional ao longo da trajetória escolar.

4.2.7 Grupo 7 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Entre os jovens das classes D/E, a educação é percebida principalmente como uma ferramenta de transformação social. Diferentemente dos segmentos de renda mais elevada, que frequentemente avaliam a educação pela qualidade institucional ou pela capacidade de preparação para carreiras específicas, os jovens de baixa renda enxergam a escola como uma das poucas oportunidades concretas de alterar sua trajetória de vida.

Por esse motivo, as críticas dirigidas ao sistema educacional costumam ser mais intensas quando os participantes percebem que a escola não está cumprindo sua função de criar oportunidades.

"Tem muito jovem que quer estudar, mas acaba desanimando porque encontra dificuldades dentro da própria escola." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe DE)

Uma das reclamações mais recorrentes diz respeito à ausência de professores e à consequente perda de qualidade do ensino.

"Na rede estadual pública, percebíamos a grande dificuldade e a ausência frequente dos professores, o que gerava muitas aulas vagas. Falta incentivo para os jovens, que acabam ficando sem perspectiva de futuro no mercado de trabalho." (Homem, 16 a 29 anos, Classe D/E)

Embora essa fala tenha sido registrada entre jovens das classes BC, ela expressa uma percepção compartilhada por diversos participantes das camadas populares: a ideia de que a deficiência educacional produz consequências diretas sobre as possibilidades futuras de emprego e renda.

Outro aspecto importante identificado entre os jovens de menor renda é a valorização das escolas militarizadas.

No entanto, diferentemente dos grupos de renda mais elevada, a discussão não se concentra apenas na disciplina ou na qualidade do ambiente escolar.

A questão econômica aparece como elemento decisivo para permanência dos estudantes.

"Minha mãe precisou me tirar da escola militarizada devido ao alto custo do fardamento social exigido. Como ela não tinha condições de arcar com as despesas, precisei retornar para uma escola pública regular." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe D/E)

Essa fala possui enorme relevância analítica porque demonstra que uma política amplamente valorizada pela população pode produzir mecanismos involuntários de exclusão.

O depoimento sugere que a barreira financeira não está relacionada à mensalidade ou ao acesso formal, mas aos custos indiretos de permanência.

Para jovens de baixa renda, pequenas despesas podem representar obstáculos significativos à continuidade dos estudos em ambientes considerados de melhor qualidade.

4.2.8 Grupo 8 – Classes D/E, acima de 60 anos

Os participantes idosos das classes D/E avaliam a educação a partir de uma perspectiva fortemente familiar.

Ao contrário dos jovens, que falam sobre suas próprias experiências escolares, os idosos geralmente analisam a educação observando filhos, netos e familiares mais jovens.

"A gente quer que os filhos e os netos tenham a oportunidade de estudo que a gente não teve. De ter escola boa, a chance de trabalhar na área que gosta e precisa que eles tenham condições de não só ter escola de qualidade, mas também de oportunidade de emprego." (Mulher, acima de 60 anos, Classe D/E)

Nesse sentido, suas preocupações concentram-se na qualidade efetiva do ensino e na formação das novas gerações.

Uma crítica recorrente entre os participantes mais velhos está relacionada à percepção de perda de comprometimento dentro do ambiente escolar.

Embora o participante não pertença ao grupo idoso propriamente dito, a fala expressa uma preocupação compartilhada entre os grupos mais maduros da pesquisa: a percepção de que os desafios da educação não se resumem à falta de recursos ou infraestrutura.

Existe uma avaliação frequente de que parte dos problemas está relacionada ao enfraquecimento da disciplina escolar, da autoridade docente e do compromisso institucional.

Para os segmentos mais velhos, a educação é frequentemente associada à formação de valores, responsabilidade e preparação para a vida adulta.

Essa diferença geracional ajuda a explicar por que as avaliações dos idosos costumam enfatizar aspectos comportamentais com maior intensidade do que os grupos mais jovens.

4.2.9 A Educação Como Instrumento de Mobilidade Social

Ao analisar conjuntamente todos os grupos pesquisados, torna-se evidente que a educação é percebida como muito mais do que um serviço público.

Ela representa uma das principais ferramentas de mobilidade social disponíveis para a população.

Independentemente da classe social, os participantes associam educação a oportunidades futuras, inserção profissional e melhoria das condições de vida.

Essa percepção aparece com intensidade particularmente elevada entre famílias das classes C, D e E, que frequentemente enxergam a escolarização como caminho para romper ciclos históricos de vulnerabilidade econômica.

Por esse motivo, as críticas ao sistema educacional produzem um impacto emocional significativo.

Quando os participantes relatam ausência de professores, aulas vagas ou conteúdos insuficientes, não estão apenas reclamando da escola.

Estão expressando preocupação com as oportunidades futuras das próximas gerações.

4.2.10 Consensos Identificados na Área da Educação

Apesar das diferenças entre os segmentos pesquisados, alguns consensos aparecem de forma muito clara.

Reconhecimento da educação infantil e dos anos iniciais

Diversos participantes reconhecem avanços significativos na educação das crianças menores.

"Particularmente, como tenho filhos pequenos, percebo que a educação básica evoluiu de forma expressiva em Boa Vista. Não tenho nenhuma queixa sobre a qualidade e a estrutura dos anos iniciais geridos pela prefeitura." (Homem, 30 a 60 anos, Classe D/E)

"A educação melhorou substancialmente na primeira infância sob a responsabilidade da prefeitura. Em contrapartida, o ensino gerido pelo Governo do Estado tem deixado muito a desejar e apresenta grandes falhas." (Homem, 30 a 60 anos, Classe C)

Esses relatos demonstram que existe reconhecimento social quando a população percebe resultados concretos.

Críticas à qualidade do ensino estadual

Outro consenso diz respeito à avaliação negativa do ensino médio e dos anos finais.

"As escolas estaduais sofrem com a falta de professores e o conteúdo desenvolvido não possui qualidade. Muitas vezes, a única orientação

é pesquisar no Google, e o aluno acaba estudando sozinho em casa utilizando ferramentas de inteligência artificial."

(Mulher, 30 a 60 anos, Classe D/E)

"Na rede estadual pública, percebíamos a grande dificuldade e a ausência frequente dos professores, o que gerava muitas aulas vagas. Falta incentivo para os jovens, que acabam ficando sem perspectiva de futuro no mercado de trabalho." **(Homem, 16 a 29 anos, Classe B/C)**

As falas revelam uma preocupação consistente com a capacidade do sistema educacional de preparar os jovens para os desafios futuros.

Aprovação das escolas militarizadas

Outro aspecto amplamente reconhecido é a melhoria da disciplina e da organização observadas nas escolas militarizadas.

"O melhor projeto recente do estado foi a militarização das escolas. Hoje, não vemos mais os muros pichados e a violência diminuiu drasticamente, o que resgatou o respeito e a disciplina no ambiente escolar." **(Homem, 30 a 60 anos, Classe C)**

Contudo, a pesquisa também demonstra que a expansão desse modelo exige atenção às condições de permanência dos estudantes de baixa renda.

4.2.11 Principais Demandas Educacionais Identificadas

A análise das falas permite identificar algumas demandas prioritárias:

- ☐ Redução das aulas vagas;
- ☐ Ampliação do quadro de professores;
- ☐ Melhoria da qualidade pedagógica do ensino médio;
- ☐ Fortalecimento da preparação para o mercado de trabalho;
- ☐ Expansão do acesso às escolas militarizadas;
- ☐ Criação de mecanismos de apoio financeiro para aquisição de uniformes;
- ☐ Fortalecimento da disciplina e do ambiente escolar;
- ☐ Continuidade dos investimentos na primeira infância.

Em síntese, a educação aparece como uma área onde a população reconhece avanços importantes, especialmente na infância, mas demonstra preocupação crescente com a capacidade do sistema de manter esse padrão ao longo da trajetória escolar. A principal inquietação dos participantes está relacionada à formação dos jovens e às oportunidades que serão oferecidas às próximas gerações.

4.3 SEGURANÇA PÚBLICA, SENSÇÃO DE PROTEÇÃO E MUDANÇAS NO COTIDIANO

A segurança pública ocupa um lugar singular na percepção dos participantes da pesquisa. Diferentemente da saúde, que concentra avaliações predominantemente negativas, a segurança é um tema marcado por sentimentos ambivalentes.

Por um lado, os moradores demonstram orgulho das condições de segurança existentes em Roraima quando comparadas a outros estados brasileiros, especialmente às grandes capitais da Região Norte. A possibilidade de circular pelas ruas, permanecer em espaços públicos e manter relações comunitárias aparece como um dos principais elementos que sustentam a percepção positiva da qualidade de vida local.

Por outro lado, essa sensação de tranquilidade convive com sinais crescentes de preocupação. O avanço das facções criminosas, o receio de circular em determinados horários, a ocupação de alguns bairros por grupos criminosos e a percepção de aumento da violência surgem de forma recorrente em diferentes segmentos sociais.

A análise das falas demonstra que a segurança é percebida menos como uma ausência absoluta de crime e mais como a preservação de um modo de vida que os moradores consideram característico de Boa Vista e de Roraima.

4.3.1 Grupo 1 – Classes A/B, 30 a 60 anos

Entre os participantes mais maduros e de maior renda, predomina uma percepção positiva da segurança pública quando comparada a outras regiões do país.

Esse grupo frequentemente utiliza experiências de viagem, notícias nacionais e comparações com outras capitais para avaliar a realidade local.

A sensação predominante é que Boa Vista ainda preserva características que foram perdidas em muitos centros urbanos brasileiros.

"Aqui ainda podemos andar com tranquilidade. Hoje você pode ir ao mercado ou ficar na frente de casa com o celular na mão sem grandes preocupações. Em comparação com outros estados, a nossa segurança continua sendo o grande diferencial na nossa qualidade de vida." (Participante, 30 a 60 anos, Classe A/B)

Essa fala sintetiza uma percepção amplamente compartilhada pelos grupos mais maduros: a ideia de que a segurança constitui um patrimônio coletivo que diferencia Roraima de outras regiões.

Entretanto, mesmo entre os participantes que avaliam positivamente a situação atual, observa-se preocupação com a manutenção desse cenário.

Existe receio de que transformações sociais recentes possam comprometer gradualmente essa condição considerada privilegiada.

4.3.2 Grupo 2 – Classes B/C, 16 a 29 anos

Os jovens das classes B/C apresentam uma percepção mais cautelosa.

Embora reconheçam que a realidade local ainda seja melhor do que a observada em muitos estados brasileiros, demonstram sentir mais diretamente os efeitos do aumento da criminalidade urbana.

O medo aparece de forma mais explícita entre as mulheres jovens.

"Nós sentimos muito medo ao andar nas ruas em determinados horários. Uma mulher, por exemplo, já não tem mais a confiança de sair sozinha tarde da noite. A falta de segurança tornou-se um grande desafio limitador para todos nós." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe B/C)

A fala é particularmente importante porque evidencia que a percepção de segurança varia conforme gênero e experiência cotidiana.

Enquanto alguns participantes enfatizam a tranquilidade geral da cidade, mulheres jovens relatam mudanças concretas em seus hábitos de circulação e lazer.

Nesse segmento, a segurança é frequentemente associada à liberdade de ocupar os espaços urbanos.

Quando essa liberdade passa a ser restringida pelo medo, surge a percepção de perda de qualidade de vida.

4.3.3 Grupo 3 – Classe C, 30 a 60 anos

Os participantes da Classe C adulta apresentam avaliações mais equilibradas.

Ao mesmo tempo em que reconhecem desafios crescentes, identificam avanços na atuação das forças de segurança.

Um dos aspectos mais mencionados por esse grupo é o aumento da presença policial ostensiva.

"A sensação de segurança melhorou de forma muito perceptível recentemente. Hoje em dia, vemos viaturas da Polícia Militar passando a toda hora na frente das nossas casas, o que inibe rapidamente a ação de assaltantes." (Homem, 30 a 60 anos, Classe C)

Esse depoimento demonstra que a presença visível do governo exerce forte influência sobre a percepção da população.

Mesmo sem necessariamente conhecer indicadores criminais, os moradores utilizam elementos observáveis — como viaturas, patrulhamento e circulação policial — para construir suas avaliações.

Outro aspecto importante é que esse grupo tende a valorizar resultados concretos e facilmente perceptíveis no cotidiano.

A sensação de proteção está diretamente relacionada à presença do poder público nos bairros.

4.3.4 Grupo 4 – Classe C e idosos acima de 60 anos

Os participantes mais velhos costumam associar a segurança atual a comparações históricas.

Muitos relatam mudanças percebidas ao longo dos últimos anos e demonstram preocupação com a preservação da tranquilidade que caracterizava a cidade.

Ao mesmo tempo, continuam valorizando a possibilidade de manter hábitos comunitários considerados raros em outras capitais.

"Para mim, Boa Vista continua sendo uma cidade maravilhosa e muito tranquila. Eu saio para trabalhar todos os dias às cinco e meia da manhã, nunca fui assaltada e ainda podemos sentar na calçada para conversar com os vizinhos." (Participante, acima de 60 anos, Classe C)

Essa fala ilustra a permanência de um sentimento de pertencimento e confiança comunitária.

A convivência entre vizinhos e o uso espontâneo dos espaços públicos aparecem como indicadores simbólicos da qualidade da segurança.

Contudo, os grupos mais velhos também demonstram preocupação crescente com a expansão de organizações criminosas e com a possibilidade de deterioração futura desse cenário.

4.3.5 Grupo 5 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Entre os jovens das classes D/E, a percepção da segurança pública é significativamente mais crítica.

Esse segmento convive mais diretamente com áreas consideradas vulneráveis e relata experiências associadas à presença de facções criminosas em determinados bairros.

"Existem bairros periféricos onde as facções criminosas acabam dominando o território e ditando as regras. A polícia não passa muito por essas áreas, o que deixa os moradores à mercê daqueles que se acham maiores que a lei." (Homem, 16 a 29 anos, Classe D/E)

Essa fala introduz um elemento central da análise: a desigualdade territorial da segurança.

Enquanto alguns moradores descrevem experiências de tranquilidade, outros relatam contextos nos quais a presença do governo é percebida como insuficiente.

A existência dessas diferenças sugere que a percepção da segurança varia fortemente conforme o bairro e a realidade local vivenciada pelos participantes.

4.3.6 Grupo 6 – Classes D/E, 30 a 60 anos

Os adultos das classes D/E demonstram preocupação intensa com os impactos da criminalidade sobre a vida familiar.

As falas desse grupo frequentemente relacionam segurança à proteção dos filhos e à possibilidade de utilização dos espaços públicos.

"Anos atrás, nós nos sentíamos muito mais seguros para passear em uma praça com nossos filhos no período da noite. Hoje, o crescimento das facções criminosas nos trouxe um receio profundo até mesmo de deixar os jovens saírem de casa." (Homem, 30 a 60 anos, Classe D/E)

O relato demonstra que o principal impacto percebido não é apenas o aumento da criminalidade em si, mas a mudança nos hábitos cotidianos das famílias.

A restrição da circulação, do lazer e da convivência comunitária aparece como consequência direta da insegurança.

Outro tema recorrente nesse grupo é a percepção de distribuição desigual dos recursos de segurança.

"Vemos muitos policiais sendo desviados para fazer guarnição e escolta de deputados e vereadores. Esse efetivo deveria estar nas ruas protegendo a população nos bairros, e não servindo de segurança particular para políticos." (Participante, 30 a 60 anos, Classe D/E)

Embora a fala mencione agentes políticos, sua relevância para este relatório está na percepção de uso inadequado dos recursos públicos de segurança, e não em qualquer avaliação eleitoral.

4.3.7 Grupo 7 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Os jovens das classes D/E compartilham grande parte das preocupações dos adultos do mesmo segmento, mas enfatizam com maior intensidade a ocupação territorial por organizações criminosas.

Para esse grupo, a segurança não é apenas uma questão de policiamento.

Ela está relacionada ao controle efetivo dos espaços urbanos e à garantia de circulação segura nos bairros periféricos.

"Tem bairros onde a gente evita passar em determinados horários porque não se sente totalmente seguro." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe DE)

As falas indicam preocupação com a expansão das facções e com a sensação de que determinadas áreas estão progressivamente escapando do controle estatal.

4.3.8 Grupo 8 – Classes D/E, acima de 60 anos

Entre os idosos das classes D/E, a segurança é percebida como condição fundamental para manutenção da qualidade de vida.

A preocupação principal está relacionada à preservação da tranquilidade e da autonomia.

"O que mais preocupa é ver a violência crescer aos poucos. A gente não quer perder a tranquilidade que sempre existiu aqui." (Mulher, acima de 60 anos, Classe D/E)

Muitos participantes associam diretamente segurança à possibilidade de continuar realizando atividades cotidianas sem medo.

Os relatos revelam que o receio de aumento da criminalidade é particularmente significativo para quem depende da circulação diária para acessar serviços públicos, comércio e atendimento de saúde.

4.3.9 Síntese Comparativa dos Grupos

A análise conjunta dos oito segmentos permite identificar três grandes consensos.

O primeiro é o reconhecimento de que Boa Vista ainda apresenta níveis de segurança percebidos como superiores aos observados em grande parte do país.

O segundo é a percepção de crescimento das facções criminosas e do receio associado à expansão dessas organizações.

O terceiro é a existência de diferenças territoriais importantes na experiência da segurança.

Os grupos de maior renda tendem a enfatizar a preservação da tranquilidade.

Os grupos de renda intermediária combinam reconhecimento dos avanços com preocupações crescentes.

Já os grupos de menor renda relatam de forma mais intensa a presença de facções, vulnerabilidades territoriais e mudanças nos hábitos cotidianos.

4.3.10 Principais Demandas Identificadas na Área de Segurança

A análise das falas permite identificar algumas demandas recorrentes:

- ☐ Ampliação da presença policial nos bairros periféricos;
- ☐ Combate ao avanço das facções criminosas;
- ☐ Fortalecimento das ações de inteligência policial;
- ☐ Recuperação do controle estatal em áreas consideradas vulneráveis;
- ☐ Preservação da sensação de tranquilidade tradicional de Boa Vista;
- ☐ Garantia de segurança para mulheres e jovens;
- ☐ Melhoria da distribuição territorial dos recursos de policiamento.

A segurança pública aparece como uma das áreas melhor avaliadas da realidade roraimense quando comparada ao restante do país. Contudo, os participantes demonstram preocupação crescente com sinais de deterioração que, se não enfrentados, podem comprometer um dos principais elementos associados à qualidade de vida local.

4.4 INFRAESTRUTURA URBANA, MOBILIDADE, DRENAGEM E QUALIDADE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

A infraestrutura urbana ocupa posição de destaque nas discussões realizadas pelos participantes da pesquisa. Diferentemente da saúde, onde

predominam avaliações negativas, e da segurança, marcada por percepções ambivalentes, a infraestrutura apresenta um quadro mais complexo, no qual coexistem reconhecimento de avanços importantes e críticas direcionadas a problemas específicos ainda não solucionados.

As falas revelam que a população avalia a infraestrutura principalmente a partir daquilo que observa diariamente em seus bairros. Ruas asfaltadas, drenagem, iluminação pública, praças, limpeza urbana, áreas de lazer e mobilidade constituem elementos concretos utilizados para medir a presença do poder público e a qualidade dos investimentos realizados.

Outro aspecto importante identificado é que a infraestrutura é frequentemente associada à dignidade urbana. Para muitos participantes, viver em uma cidade organizada, limpa e bem estruturada não representa apenas conforto, mas um elemento fundamental para a qualidade de vida.

Ao mesmo tempo, as avaliações variam conforme o local de moradia, a condição socioeconômica e a experiência cotidiana de cada segmento social.

4.4.1 Grupo 1 – Classes A/B, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes A/B, observa-se uma avaliação amplamente positiva da infraestrutura urbana de Boa Vista.

Esse grupo frequentemente compara a capital roraimense com outras cidades brasileiras e destaca aspectos relacionados à organização urbana, limpeza, planejamento e qualidade dos espaços públicos.

Uma das falas mais representativas desse sentimento afirma:

"Boa Vista é uma cidade diferenciada. Quem viaja para outras capitais percebe isso rapidamente. As avenidas são largas, a cidade é limpa, organizada e ainda oferece uma qualidade de vida que poucas cidades conseguem proporcionar." (Homem, 30 a 60 anos, Classe A/B)

A percepção predominante nesse segmento é de que Boa Vista conseguiu preservar características urbanas que se perderam em outras cidades brasileiras.

No entanto, mesmo entre os grupos mais satisfeitos, surgem preocupações relacionadas ao crescimento acelerado da cidade.

Os participantes demonstram receio de que o aumento populacional e a expansão urbana produzam pressão sobre a infraestrutura existente.

Esse temor aparece especialmente quando discutem trânsito, drenagem e manutenção dos espaços públicos.

4.4.2 Grupo 2 – Classes B/C, 16 a 29 anos

Os jovens das classes B/C tendem a valorizar principalmente os espaços públicos de convivência.

Praças, áreas esportivas, parques e locais destinados ao lazer aparecem com frequência em suas avaliações.

Para esse segmento, a infraestrutura urbana está diretamente relacionada à possibilidade de socialização e utilização da cidade.

"As praças ficaram muito melhores nos últimos anos. Hoje a gente consegue encontrar espaços organizados para praticar esporte, caminhar e se reunir com os amigos." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe B/C)

Essa fala demonstra que os investimentos em espaços públicos produzem impactos que vão além da estética urbana.

Eles influenciam diretamente as formas de convivência social e ocupação da cidade.

Ao mesmo tempo, os jovens também apontam desafios relacionados ao transporte e à mobilidade.

A percepção é que determinadas regiões ainda enfrentam dificuldades de acesso, especialmente durante períodos de maior movimento.

4.4.3 Grupo 3 – Classe C, 30 a 60 anos

Entre os participantes da Classe C adulta, a infraestrutura é frequentemente analisada sob a ótica do cotidiano familiar.

As avaliações costumam concentrar-se em problemas concretos que afetam diretamente a vida dos moradores.

Questões como drenagem, asfaltamento e manutenção das vias aparecem de forma recorrente.

Uma das reclamações mais frequentes refere-se aos alagamentos.

"Quando chega o inverno, tem bairros que ficam praticamente ilhados. A água toma conta das ruas e a população enfrenta dificuldades até para sair de casa." (Homem, 30 a 60 anos, Classe C)

A fala revela que, apesar dos avanços percebidos na infraestrutura urbana, ainda existem áreas onde os problemas de drenagem produzem impactos significativos.

Outro aspecto importante é que os participantes frequentemente associam infraestrutura à capacidade do poder público de reduzir desigualdades territoriais.

Existe a percepção de que alguns bairros recebem mais investimentos do que outros.

4.4.4 Grupo 4 – Classe C e idosos acima de 60 anos

Os participantes mais velhos valorizam especialmente as transformações urbanas observadas ao longo do tempo.

Muitos relatam que Boa Vista experimentou avanços significativos em comparação com décadas anteriores.

"Quem conheceu Boa Vista há trinta ou quarenta anos sabe o quanto a cidade evoluiu. Hoje temos bairros estruturados, iluminação, avenidas e serviços que antes não existiam." (Homem, acima de 60 anos, Classe C)

Essa perspectiva histórica aparece frequentemente entre os idosos.

Ao contrário dos grupos mais jovens, que avaliam a infraestrutura a partir das necessidades atuais, os participantes mais velhos costumam enfatizar o processo de transformação urbana ocorrido ao longo das últimas décadas.

Entretanto, isso não significa ausência de críticas.

Os idosos também apontam problemas relacionados à acessibilidade, manutenção de calçadas e mobilidade para pessoas com limitações físicas.

4.4.5 Grupo 5 – Classe B, 16 a 29 anos

Entre os jovens da Classe B, observa-se uma avaliação mais exigente em relação aos padrões urbanos.

Esse segmento frequentemente compara Boa Vista a cidades vistas em viagens, redes sociais ou experiências acadêmicas.

Consequentemente, as expectativas tendem a ser mais elevadas.

Os participantes valorizam espaços modernos, tecnologia urbana, conectividade e mobilidade eficiente.

Ao mesmo tempo, reconhecem avanços importantes na qualidade dos espaços públicos.

"Boa Vista cresceu muito nos últimos anos e a infraestrutura acompanhou boa parte desse crescimento, principalmente nas áreas de convivência."

(Mulher, 16 a 29 anos, Classe B)

Uma das demandas mais presentes nesse grupo é a ampliação de áreas voltadas para atividades culturais, esportivas e de convivência juvenil.

"As áreas de lazer melhoraram bastante, mas ainda faltam espaços voltados para atividades culturais e para os jovens." **(Homem, 16 a 29 anos, Classe B)**

4.4.6 Grupo 6 – Classes D/E, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes D/E adultas, a infraestrutura é analisada principalmente a partir das condições dos bairros periféricos.

As falas demonstram que os moradores valorizam obras que produzem melhorias perceptíveis em seu cotidiano.

Asfalto, drenagem, iluminação pública e transporte aparecem como prioridades.

"O asfalto mudou muito a realidade do bairro. Antes a gente convivia com poeira no verão e lama no inverno. Hoje a situação melhorou bastante." (Participante, 30 a 60 anos, Classe D/E)

Essa fala ilustra um padrão recorrente observado entre os segmentos populares.

As avaliações da infraestrutura são construídas a partir de experiências concretas.

Quando uma obra resolve um problema cotidiano, ela produz reconhecimento imediato por parte da população.

Por outro lado, quando os problemas persistem, a insatisfação também é expressa de forma intensa.

4.4.7 Grupo 7 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Os jovens das classes D/E apresentam uma percepção fortemente associada à mobilidade e ao acesso a oportunidades.

Para esse segmento, infraestrutura não significa apenas qualidade urbana.

Significa capacidade de deslocamento para estudar, trabalhar e acessar serviços.

Questões relacionadas ao transporte público aparecem com frequência.

"O transporte ainda é uma das maiores dificuldades para quem mora mais longe. Muitas vezes a gente perde muito tempo no deslocamento."

(Homem, 16 a 29 anos, Classe DE)

Os participantes relatam dificuldades em determinadas rotas, horários reduzidos e limitações que afetam diretamente a rotina da população jovem.

Além disso, também demonstram interesse por espaços públicos que possam ser utilizados para lazer, esporte e convivência comunitária.

4.4.8 Grupo 8 – Classes D/E, acima de 60 anos

Entre os idosos das classes D/E, a infraestrutura urbana é frequentemente associada à acessibilidade e à autonomia.

Calçadas adequadas, iluminação pública, transporte e proximidade dos serviços aparecem como fatores fundamentais para a qualidade de vida.

Os participantes destacam que pequenos problemas de infraestrutura podem gerar grandes impactos para pessoas idosas.

"Para quem é idoso, uma calçada quebrada pode virar um problema sério. A manutenção precisa ser constante." **(Mulher, acima de 60 anos, Classe DE)**

Uma calçada danificada, por exemplo, pode limitar a circulação e aumentar o risco de acidentes.

Por isso, as demandas desse segmento costumam estar relacionadas à manutenção permanente dos espaços urbanos.

4.4.9 Infraestrutura Como Símbolo da Presença do Estado

Uma das conclusões mais relevantes deste eixo é que a infraestrutura funciona como um dos principais instrumentos de visibilidade da ação governamental.

Diferentemente de outras políticas públicas cujos resultados podem ser menos perceptíveis, obras urbanas são observadas diariamente pela população.

Asfalto, iluminação, praças, drenagem e equipamentos públicos tornam-se símbolos concretos da presença ou ausência do Estado.

Por esse motivo, a infraestrutura exerce forte influência sobre a percepção geral da qualidade da gestão pública.

4.4.10 Principais Demandas Identificadas

A análise das falas permite identificar demandas recorrentes:

- ☐ Ampliação dos sistemas de drenagem urbana;
- ☐ Redução dos alagamentos em bairros vulneráveis;
- ☐ Continuidade das obras de pavimentação;
- ☐ Melhoria da acessibilidade para idosos e pessoas com deficiência;
- ☐ Ampliação de espaços de lazer e convivência;

- ☐ Fortalecimento do transporte público;
- ☐ Manutenção permanente da infraestrutura existente;
- ☐ Redução das desigualdades entre bairros centrais e periféricos.

Em síntese, a infraestrutura urbana aparece como uma das áreas melhor avaliadas pelos participantes da pesquisa. Contudo, o reconhecimento dos avanços não elimina a percepção de que ainda existem desafios importantes, especialmente relacionados à drenagem, mobilidade e equilíbrio territorial dos investimentos públicos.

4.5 ECONOMIA, EMPREGO E GERAÇÃO DE OPORTUNIDADES

A economia aparece como um dos temas mais sensíveis da pesquisa porque se conecta diretamente às expectativas de futuro dos participantes. Enquanto áreas como saúde e segurança são avaliadas principalmente pela experiência cotidiana, a economia é frequentemente interpretada pela população como um indicador das possibilidades que o governo oferece para construção de projetos de vida.

As discussões revelam uma percepção amplamente compartilhada de que Roraima atravessa um período de crescimento econômico. Muitos participantes reconhecem mudanças importantes na dinâmica produtiva do estado, especialmente relacionadas à expansão da agricultura, ao crescimento do comércio e ao aumento da circulação de recursos na economia local.

Entretanto, esse reconhecimento convive com preocupações importantes. A principal delas está relacionada à distribuição das oportunidades geradas por esse crescimento. Em diversos grupos aparece a percepção de que nem todos os segmentos sociais conseguem se beneficiar igualmente das transformações econômicas observadas nos últimos anos.

Outro aspecto recorrente é a preocupação com a dependência do setor público como fonte de emprego e renda. Muitos participantes identificam a necessidade de ampliar a diversificação econômica de Boa Vista para garantir oportunidades mais amplas e sustentáveis para as futuras gerações.

4.5.1 Grupo 1 – Classes A/B, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes A/B, a economia é analisada principalmente sob a perspectiva do desenvolvimento regional.

Esse segmento demonstra uma visão mais estrutural sobre o tema, frequentemente relacionando crescimento econômico, produção agrícola, investimentos e geração de riqueza.

Uma das percepções mais recorrentes nesse grupo é a avaliação positiva do potencial produtivo de Roraima.

"Hoje Roraima vive uma realidade muito diferente de alguns anos atrás. O agronegócio cresceu, a produção aumentou e isso movimentou toda a economia do estado." (Homem, 30 a 60 anos, Classe A/B)

A fala expressa um sentimento observado em diversos participantes desse segmento: a percepção de que o estado possui condições econômicas favoráveis para ampliar seu desenvolvimento.

Contudo, esse grupo também demonstra preocupação com a necessidade de planejamento de longo prazo.

Muitos participantes defendem investimentos em infraestrutura, qualificação profissional e atração de novos setores produtivos como forma de consolidar o crescimento observado.

Outro aspecto relevante é a preocupação com a formação de mão de obra qualificada.

Os participantes frequentemente associam desenvolvimento econômico à capacidade de preparar trabalhadores para novas demandas produtivas.

4.5.2 Grupo 2 – Classes B/C, 16 a 29 anos

Entre os jovens das classes B/C, a economia é percebida principalmente através da lente do mercado de trabalho.

As discussões revelam ansiedade em relação às oportunidades disponíveis e às dificuldades enfrentadas para conquistar o primeiro emprego.

Um dos temas mais recorrentes é a exigência de experiência profissional para ingresso no mercado.

"Todo lugar pede experiência, mas ninguém quer dar oportunidade para quem está começando. Como o jovem vai conseguir experiência se ninguém contrata?" (Homem, 16 a 29 anos, Classe B/C)

Essa fala sintetiza uma das principais preocupações da juventude pesquisada.

Os participantes demonstram sentir que existe um descompasso entre formação educacional e inserção profissional.

Mesmo aqueles que concluem os estudos frequentemente encontram dificuldades para acessar vagas formais.

Outro aspecto importante é a preocupação com a necessidade de migrar para outros estados em busca de oportunidades mais amplas.

Para muitos jovens, a permanência em Boa Vista depende diretamente da capacidade da cidade de ampliar a oferta de empregos qualificados.

4.5.3 Grupo 3 – Classe C, 30 a 60 anos

Entre os participantes da Classe C adulta, a economia é fortemente associada à estabilidade familiar.

As discussões frequentemente giram em torno do custo de vida, da manutenção da renda e da capacidade de sustentar a família.

Uma percepção recorrente é que a economia apresenta sinais positivos, mas que esses avanços nem sempre chegam de forma uniforme à população.

"A gente vê a cidade crescendo, vê mais movimento, mais comércio, mas o custo de vida também aumentou muito. Nem sempre o salário acompanha." (Mulher, 30 a 60 anos, Classe C)

A fala revela uma preocupação importante.

O crescimento econômico é reconhecido, mas existe a percepção de que ele precisa ser acompanhado por melhoria efetiva das condições de vida.

Questões relacionadas ao preço dos alimentos, combustível e serviços aparecem frequentemente associadas à avaliação econômica feita por esse segmento.

4.5.4 Grupo 4 – Classe C, idosos acima de 60 anos

Os participantes mais velhos tendem a analisar a economia a partir da perspectiva da estabilidade.

Para esse grupo, a principal preocupação não está necessariamente na geração de novas oportunidades, mas na preservação das condições que garantem segurança financeira.

A inflação e o aumento do custo de vida aparecem como temas recorrentes.

"Tudo aumentou. Quem vive de aposentadoria sente isso todos os dias. O dinheiro não rende como rendia antigamente." (Participante, acima de 60 anos, Classe C)

Essa percepção demonstra que os impactos da economia são vividos de maneira distinta conforme o momento da vida.

Enquanto os jovens se preocupam com acesso ao mercado de trabalho, os idosos concentram suas atenções na preservação do poder de compra.

4.5.5 Grupo 5 – Classe B, 16 a 29 anos

Os jovens da Classe B apresentam expectativas elevadas em relação ao desenvolvimento econômico.

Esse grupo frequentemente associa crescimento econômico à inovação, empreendedorismo e geração de empregos qualificados.

Uma preocupação recorrente é a necessidade de ampliar oportunidades profissionais compatíveis com níveis mais elevados de formação.

Os participantes relatam receio de concluir cursos superiores e não encontrar oportunidades adequadas no mercado local.

"Eu vejo potencial em Roraima para crescer, mas também acho que precisamos atrair mais empresas e investimentos. Muita gente da minha

idade acaba pensando em sair porque não encontra espaço para desenvolver a carreira." (Mulher, 16 A 29 anos, Classe B)

Nesse sentido, defendem políticas voltadas à atração de empresas e diversificação da economia.

4.5.6 Grupo 6 – Classes D/E, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes D/E adultas, a economia é percebida principalmente através da experiência cotidiana de sobrevivência.

As falas demonstram preocupação constante com renda, emprego e custo de vida.

Para esse segmento, pequenas oscilações econômicas produzem impactos imediatos sobre a vida familiar.

"Quando aumenta o preço da comida ou do combustível, quem ganha pouco sente primeiro. A gente precisa fazer escolhas que antes não precisava fazer." (Participante, 30 a 60 anos, Classe D/E)

Essa fala revela a vulnerabilidade econômica presente nesse segmento.

Os participantes frequentemente associam desenvolvimento econômico à capacidade de gerar empregos acessíveis e melhorar as condições concretas de vida da população.

Outro tema recorrente é a valorização de programas de qualificação profissional e incentivo ao trabalho.

4.5.7 Grupo 7 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Os jovens das classes D/E constituem um dos grupos mais preocupados com oportunidades.

A dificuldade de acesso ao primeiro emprego aparece como uma das principais angústias identificadas na pesquisa.

Muitos participantes relatam sentir que o mercado de trabalho oferece poucas oportunidades para quem está iniciando a vida profissional.

"O mais difícil para quem é jovem é conseguir a primeira oportunidade. Todo mundo pede experiência, mas ninguém quer ensinar."

(Homem, 16 a 29 anos, Classe DE)

Além disso, existe preocupação com a informalidade e com a ausência de perspectivas claras de crescimento.

Para esses jovens, a geração de emprego é percebida como uma das políticas públicas mais importantes para o futuro da cidade.

4.5.8 Grupo 8 – Classes D/E, acima de 60 anos

Entre os idosos das classes D/E, a economia é avaliada principalmente pela capacidade de garantir condições mínimas de dignidade.

A renda fixa, os gastos com saúde e o aumento do custo de vida ocupam posição central nas discussões.

"Hoje o dinheiro não acompanha o aumento das coisas. O mercado sobe, o remédio sobe e a aposentadoria continua praticamente a mesma."

(Mulher, acima de 60 anos, Classe DE)

Os participantes frequentemente relatam dificuldades para equilibrar despesas básicas, especialmente quando surgem gastos inesperados com medicamentos ou tratamentos médicos.

A preocupação predominante é a manutenção da autonomia financeira.

4.5.9 Desenvolvimento Econômico e Percepção de Futuro

Um dos aspectos mais interessantes identificados na pesquisa é que a economia não é percebida apenas como uma questão material.

Ela também influencia diretamente a visão de futuro da população.

Quando os participantes acreditam que existem oportunidades de crescimento, emprego e geração de renda, demonstram maior otimismo em relação à cidade.

Quando percebem limitações nessas áreas, surgem sentimento de insegurança e incerteza.

Essa relação aparece de forma particularmente intensa entre os jovens, para os quais a economia representa a possibilidade concreta de construir projetos de vida em Roraima.

4.5.10 Principais Demandas Econômicas Identificadas

A análise das falas permite identificar algumas demandas recorrentes:

- ☐ Ampliação das oportunidades para o primeiro emprego;
- ☐ Fortalecimento da qualificação profissional;
- ☐ Diversificação da economia estadual;
- ☐ Atração de novos investimentos privados;
- ☐ Incentivo ao empreendedorismo;
- ☐ Redução da informalidade;
- ☐ Ampliação das oportunidades para jovens qualificados;
- ☐ Preservação do poder de compra das famílias;
- ☐ Geração de empregos nos bairros periféricos.

Em síntese, a economia é percebida pela população como uma área que apresenta avanços importantes, mas que ainda enfrenta desafios relacionados à distribuição das oportunidades e à inclusão dos segmentos mais vulneráveis. O desejo de crescimento econômico aparece acompanhado da expectativa de que seus benefícios sejam compartilhados por toda a sociedade.

4.6 ASSISTÊNCIA SOCIAL, PROTEÇÃO DAS FAMÍLIAS E APOIO AOS MAIS VULNERÁVEIS

A assistência social aparece na pesquisa como uma política pública profundamente relacionada à percepção de dignidade e proteção. Embora não seja mencionada com a mesma intensidade da saúde ou da segurança, as discussões revelam que seu impacto é particularmente relevante entre os segmentos mais vulneráveis da população.

As falas demonstram que a assistência social é avaliada menos por sua estrutura administrativa e mais pela sua capacidade de responder a situações concretas de necessidade. Para muitos participantes, programas sociais, serviços de acolhimento, benefícios assistenciais e ações voltadas para famílias em situação de vulnerabilidade representam mecanismos fundamentais de proteção contra a insegurança econômica.

Outro aspecto importante identificado é que a assistência social costuma ser percebida como complementar a outras políticas públicas. Em diversos momentos, os participantes associam proteção social à geração de emprego, acesso à saúde, educação e qualificação profissional.

Essa visão demonstra que a população não interpreta a assistência apenas como apoio financeiro, mas como parte de uma rede mais ampla de proteção social.

4.6.1 Grupo 1 – Classes A/B, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes A/B, a assistência social é frequentemente analisada sob a ótica da responsabilidade pública.

Esse segmento reconhece a importância da existência de políticas voltadas para os grupos mais vulneráveis, especialmente em contextos de desigualdade social.

As discussões revelam preocupação com a necessidade de garantir que os recursos públicos sejam direcionados às famílias que realmente necessitam de apoio.

"A assistência social é importante porque existem famílias que realmente precisam de apoio. O desafio é garantir que o benefício chegue a quem mais necessita." (Homem, 30 a 60 anos, Classe AB)

Ao mesmo tempo, observa-se uma expectativa de que as políticas assistenciais estejam articuladas a iniciativas de qualificação profissional e inclusão produtiva.

A percepção predominante é que a assistência social deve funcionar como instrumento de proteção, mas também como mecanismo de construção de autonomia.

4.6.2 Grupo 2 – Classes B/C, 16 a 29 anos

Os jovens das classes B/C costumam associar assistência social a oportunidades.

Ao longo das discussões, diversos participantes destacam a importância de programas voltados à juventude, capacitação profissional e inserção no mercado de trabalho.

"Muitos jovens precisam de programas que ajudem a entrar no mercado de trabalho. Às vezes o apoio que falta não é dinheiro, é oportunidade."

(Homem, 16 a 29 anos, Classe BC)

Para esse segmento, a proteção social não está relacionada apenas ao enfrentamento da pobreza, mas também à criação de caminhos que permitam superar vulnerabilidades futuras.

Os jovens demonstram forte interesse por iniciativas capazes de ampliar oportunidades educacionais e profissionais.

Essa percepção reforça a ideia de que a assistência social é mais valorizada quando produz perspectivas concretas de transformação social.

4.6.3 Grupo 3 – Classe C, 30 a 60 anos

Entre os participantes da Classe C adulta, a assistência social é frequentemente interpretada a partir da experiência familiar.

Os relatos demonstram preocupação com situações de desemprego, dificuldades econômicas temporárias e necessidade de apoio a famílias vulneráveis.

Esse grupo tende a valorizar políticas capazes de oferecer suporte em momentos de crise, mas também manifesta preocupação com a capacidade das famílias de recuperar autonomia posteriormente.

"Não basta apenas ajudar financeiramente. É importante criar condições para que as pessoas consigam conquistar independência."

(Mulher, 30 a 60 anos, Classe C)

As discussões sugerem que a proteção social é vista como necessária, especialmente em contextos de instabilidade econômica.

Ao mesmo tempo, existe expectativa de que as políticas públicas contribuam para fortalecer a independência financeira dos beneficiários.

4.6.4 Grupo 4 – Classe C e idosos acima de 60 anos

Os participantes mais velhos frequentemente relacionam assistência social à proteção de grupos específicos.

Idosos, pessoas com deficiência, famílias em situação de vulnerabilidade e indivíduos sem rede de apoio familiar aparecem como públicos prioritários nas discussões.

"Tem muitos idosos que vivem sozinhos e precisam de mais apoio. Nem sempre a família consegue ajudar em tudo."

(Mulher, acima de 60 anos, Classe C)

Para esse segmento, a assistência social é percebida como uma obrigação moral do governo.

A ideia de proteção aos mais vulneráveis surge associada à preservação da dignidade humana e à responsabilidade coletiva de garantir condições mínimas de bem-estar.

Além disso, muitos participantes demonstram preocupação com idosos que vivem sozinhos ou enfrentam dificuldades financeiras crescentes.

4.6.5 Grupo 5 – Classe B, 16 a 29 anos

Entre os jovens da Classe B, a assistência social é frequentemente associada à inclusão.

As discussões revelam interesse por políticas que ampliem o acesso à educação, à qualificação profissional e ao mercado de trabalho.

Esse segmento costuma valorizar programas capazes de reduzir desigualdades de oportunidades.

"Eu acho importante ajudar quem precisa, mas também preparar as pessoas para conseguirem caminhar com as próprias pernas."

(Mulher, 16 a 29 anos, Classe B)

Os participantes demonstram compreender que diferentes grupos sociais enfrentam desafios distintos e defendem ações voltadas à redução dessas disparidades.

Ao mesmo tempo, enfatizam a necessidade de transparência e eficiência na aplicação dos recursos públicos.

4.6.6 Grupo 6 – Classes D/E, 30 a 60 anos

É entre os participantes das classes D/E adultas que a assistência social assume maior centralidade.

Para esse segmento, as políticas de proteção social frequentemente representam um apoio concreto em momentos de dificuldade econômica.

"A melhor assistência social é aquela que cria oportunidade para a pessoa crescer. Quando tem qualificação e incentivo, a vida da gente muda."

(Homem, 30 a 60 anos, Classes D/E)

As falas revelam experiências relacionadas ao desemprego, à redução da renda familiar e às dificuldades de acesso a oportunidades econômicas.

Nesse contexto, programas assistenciais são percebidos como mecanismos importantes de estabilidade.

Ao contrário dos grupos de renda mais elevada, que frequentemente analisam a assistência sob uma perspectiva institucional, os participantes das classes D/E avaliam essas políticas a partir de seus efeitos diretos sobre a vida cotidiana.

A capacidade de garantir alimentação, apoiar famílias vulneráveis e oferecer suporte em momentos de crise aparece como um dos principais critérios de avaliação.

4.6.7 Grupo 7 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Os jovens das classes D/E demonstram uma visão bastante pragmática da assistência social.

As discussões indicam que esse segmento valoriza especialmente programas capazes de criar oportunidades de qualificação e inserção profissional.

Muitos participantes manifestam preocupação com a dificuldade de acesso ao primeiro emprego e enxergam a assistência social como uma ponte para oportunidades futuras.

"Muitas vezes o jovem quer estudar ou trabalhar, mas não sabe nem por onde começar. Os projetos sociais ajudam justamente nisso."

(Homem, 16 a 29 anos, Classe DE)

A expectativa predominante é que as políticas públicas não se limitem à transferência de benefícios, mas contribuam para ampliar a autonomia econômica dos jovens.

Essa percepção reforça a importância da integração entre assistência social, educação e mercado de trabalho.

4.6.8 Grupo 8 – Classes D/E, acima de 60 anos

Entre os idosos das classes D/E, a assistência social é frequentemente associada à sobrevivência e à dignidade.

As discussões revelam preocupação com renda insuficiente, aumento do custo de vida e dificuldades de acesso a determinados serviços.

Para esse grupo, a proteção social representa uma garantia mínima de segurança diante das incertezas econômicas.

A manutenção de benefícios, o apoio às famílias mais vulneráveis e a proteção da população idosa aparecem como demandas recorrentes.

"Tem muita gente da minha idade que depende da assistência social para resolver problemas básicos do dia a dia. Esse apoio faz diferença."

(Mulher, acima de 60 anos, Classe DE)

Além disso, observa-se forte valorização de iniciativas que contribuam para reduzir o isolamento social e ampliar o suporte comunitário aos idosos.

4.6.9 Síntese Comparativa dos Grupos

A análise dos oito segmentos revela que a assistência social é percebida de formas distintas conforme a posição social dos participantes.

Os grupos de maior renda tendem a enfatizar:

- ☐ eficiência;
- ☐ focalização dos recursos;
- ☐ autonomia dos beneficiários.

Os grupos de renda intermediária valorizam:

- ☐ proteção em momentos de crise;
- ☐ apoio às famílias;
- ☐ redução das desigualdades.

Já os grupos de menor renda destacam:

- ☐ segurança econômica;
- ☐ apoio imediato;
- ☐ geração de oportunidades;
- ☐ proteção contra situações de vulnerabilidade.

Os idosos, independentemente da renda, demonstram preocupação especial com:

- ☐ dignidade;
- ☐ proteção social;
- ☐ manutenção da autonomia.

4.6.10 Principais Demandas Identificadas

A análise das falas permite identificar algumas demandas recorrentes:

- ☐ Ampliação de programas de qualificação profissional;

- ☐ Integração entre assistência social e geração de emprego;
- ☐ Fortalecimento da proteção às famílias vulneráveis;
- ☐ Apoio específico à população idosa;
- ☐ Redução das desigualdades sociais;
- ☐ Ampliação do acesso à informação sobre programas sociais;
- ☐ Fortalecimento da rede de proteção comunitária.

Em síntese, a assistência social é percebida pela população como um instrumento essencial de proteção e dignidade. Embora sua relevância seja mais evidente entre os segmentos vulneráveis, a pesquisa demonstra que existe reconhecimento amplo da importância de políticas capazes de oferecer suporte às famílias em momentos de necessidade.

4.7 IDENTIDADE REGIONAL, PERTENCIMENTO E QUALIDADE DE VIDA

Um dos temas mais ricos e emocionais identificados na pesquisa diz respeito à relação dos participantes com Boa Vista. Ao longo das discussões, independentemente da classe social ou faixa etária, observou-se um forte sentimento de pertencimento à cidade.

Mesmo quando os participantes apresentam críticas à saúde, à educação ou à segurança, essas avaliações frequentemente coexistem com manifestações de orgulho em relação ao lugar onde vivem.

Essa característica diferencia significativamente este eixo dos anteriores.

Enquanto temas como saúde e economia são analisados principalmente a partir de problemas e demandas, a identidade regional é marcada por elementos simbólicos, afetivos e emocionais.

As falas revelam que muitos participantes enxergam Roraima como um espaço que oferece qualidade de vida, tranquilidade e oportunidades de convivência difíceis de encontrar em outras regiões do país.

Ao mesmo tempo, esse orgulho vem acompanhado da preocupação de preservar características consideradas fundamentais para a identidade local.

4.7.1 Grupo 1 – Classes A/B, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes A/B, o sentimento de pertencimento está fortemente associado à qualidade de vida.

Muitos relatam experiências em outros estados e utilizam essas referências para valorizar aspectos positivos de Boa Vista.

"Quem conhece outras capitais percebe rapidamente a diferença. Aqui ainda temos qualidade de vida, menos trânsito, mais tranquilidade e uma relação muito próxima com a natureza." (Homem, 30 a 60 anos, Classe A/B)

A fala demonstra que a identidade regional é construída não apenas pela convivência cotidiana, mas também pela comparação com outras realidades.

Para esse segmento, Roraima representa uma alternativa ao ritmo acelerado e aos problemas urbanos observados em outras regiões.

4.7.2 Grupo 2 – Classes B/C, 16 a 29 anos

Entre os jovens das classes B/C, o sentimento de pertencimento aparece associado principalmente às oportunidades de convivência e ao estilo de vida proporcionado pela cidade.

Ao contrário dos grupos mais velhos, que frequentemente utilizam referências históricas para avaliar as transformações ocorridas ao longo do tempo, os jovens tendem a valorizar a experiência presente de viver em uma cidade considerada tranquila e acessível.

As falas demonstram que muitos participantes reconhecem limitações econômicas e profissionais existentes em Boa Vista, mas ainda assim manifestam forte vínculo afetivo com a cidade.

"Eu já pensei em morar fora algumas vezes, principalmente por causa de faculdade e trabalho, mas quando a gente vê como é a realidade em outras cidades, percebe que aqui ainda existe uma qualidade de vida que vale muito a pena." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe B/C)

Essa percepção aparece de forma recorrente entre os jovens. Existe o reconhecimento de que outros centros urbanos podem oferecer mais

oportunidades profissionais, mas também a compreensão de que essas vantagens frequentemente vêm acompanhadas de problemas relacionados à violência, trânsito e qualidade de vida.

Nesse sentido, muitos participantes demonstram uma relação ambivalente com o futuro: desejam mais oportunidades, mas não querem abrir mão das características que valorizam em Roraima.

4.7.3 Grupo 3 – Classe C, 30 a 60 anos

Entre os participantes da Classe C adulta, o pertencimento está fortemente associado à construção da vida familiar.

As discussões revelam que a cidade é frequentemente avaliada como um ambiente adequado para criar filhos, estabelecer vínculos comunitários e desenvolver projetos de longo prazo.

Uma das falas mais representativas desse sentimento destaca justamente a combinação entre crescimento urbano e manutenção da qualidade de vida.

"Boa Vista cresceu muito, mas ainda continua sendo uma cidade onde você conhece as pessoas, encontra os amigos e consegue ter uma vida mais tranquila." (Homem, 30 a 60 anos, Classe C)

O relato evidencia que o pertencimento não está relacionado apenas ao espaço físico, mas também às relações sociais construídas ao longo do tempo.

Para esse grupo, a identidade regional está profundamente conectada à sensação de comunidade.

4.7.4 Grupo 4 – Classe C e idosos acima de 60 anos

Os participantes mais velhos apresentam as manifestações mais emocionais de pertencimento identificadas na pesquisa.

Muitos acompanham a história de Boa Vista há décadas e utilizam suas próprias trajetórias para narrar as transformações observadas na cidade.

As falas revelam forte orgulho das mudanças ocorridas ao longo do tempo.

"Eu vi essa cidade crescer. Vi quando muitas coisas que existem hoje não existiam. Por isso eu valorizo muito o que temos aqui." (Homem, acima de 60 anos, Classe C)

Essa perspectiva histórica aparece com frequência entre os idosos.

Diferentemente dos jovens, que avaliam o presente, os participantes mais velhos tendem a construir suas opiniões por meio da comparação entre diferentes períodos da vida local.

Ao mesmo tempo, existe preocupação com a preservação das características que, na visão deles, tornaram Roraima um lugar especial para viver.

4.7.5 Grupo 5 – Classe B, 16 a 29 anos

Entre os jovens da Classe B, o pertencimento está frequentemente associado à possibilidade de conciliar qualidade de vida e desenvolvimento pessoal.

Esse grupo demonstra orgulho da cidade, mas também expectativas elevadas em relação ao futuro.

"Eu penso em crescer profissionalmente sem precisar sair do estado. Acho que Roraima tem potencial para isso. O que falta é abrir mais portas para os jovens, porque qualidade de vida eu acredito que a gente já tem." (Mulher, 18 a 24 anos, Classe B)

As discussões revelam que muitos participantes desejam ver Roraima crescer economicamente sem perder as características que o diferenciam de outros estados.

Uma preocupação recorrente é a necessidade de ampliar oportunidades para a juventude sem reproduzir problemas urbanos observados em grandes centros.

"A gente reclama de muita coisa, principalmente de emprego, mas quando viaja para outras cidades percebe que aqui ainda tem uma tranquilidade que não encontra em qualquer lugar. Eu gosto de morar em Boa Vista e queria ter mais oportunidades para continuar aqui."

(Homem, 18 a 24 anos, Classe B)

Nesse sentido, os participantes defendem um modelo de desenvolvimento que preserve aspectos valorizados da vida local.

4.7.6 Grupo 6 – Classes D/E, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes D/E adultas, a identidade regional está fortemente associada à construção de redes de apoio comunitário.

As falas demonstram valorização das relações de vizinhança, solidariedade e convivência cotidiana.

Para muitos participantes, a qualidade de vida não é medida apenas por indicadores econômicos, mas pela possibilidade de viver em uma comunidade onde as pessoas se conhecem e mantêm relações de proximidade.

"Aqui ainda existe aquele sentimento de comunidade. Você conhece os vizinhos, conversa na rua e sabe que pode contar com as pessoas quando precisa." (Participante, 30 a 60 anos, Classe DE)

Essa percepção aparece com frequência entre os segmentos populares e constitui um dos pilares do sentimento de pertencimento identificado na pesquisa.

4.7.7 Grupo 7 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Os jovens das classes D/E demonstram forte identificação com Boa Vista, mas também expressam preocupações relacionadas ao futuro.

Muitos participantes desejam permanecer na capital, mas condicionam essa decisão à existência de oportunidades de estudo e trabalho.

As falas revelam que o vínculo afetivo com o território é intenso, mas não elimina preocupações econômicas.

"Mesmo com as dificuldades, eu gosto daqui porque minha família está toda aqui. A gente conhece as pessoas, conhece os bairros e sente que pertence ao lugar. Só queria que tivesse mais oportunidades para quem está começando a vida." (Mulher, 18 a 24 anos, Classe DE)

"Tem problemas como em qualquer lugar, mas eu ainda prefiro viver aqui do que em uma cidade grande. Aqui a gente consegue ter mais contato com as pessoas e viver de forma mais tranquila."

(Mulher, 16 a 24 anos, Classe DE)

Esse grupo frequentemente manifesta o desejo de construir uma vida na própria cidade evitando a necessidade de migração para outras regiões.

4.7.8 Grupo 8 – Classes D/E, acima de 60 anos

Entre os idosos das classes D/E, o pertencimento assume uma dimensão particularmente afetiva.

As discussões revelam forte ligação emocional com a cidade, os bairros e as comunidades onde construíram suas trajetórias de vida.

"Eu moro aqui há muitos anos e vi a cidade crescer. Claro que ainda existem problemas, mas quando comparo com outros lugares, vejo que ainda temos uma qualidade de vida muito boa." (Homem, acima de 60 anos, Classe DE)

Para muitos participantes, a identidade regional está associada à memória, à convivência familiar e ao sentimento de continuidade.

"Criei meus filhos aqui, vi meus netos crescerem aqui e não tenho vontade de sair. O que mais gosto é essa sensação de conhecer as pessoas e viver em um lugar que ainda tem um pouco de tranquilidade."

(Mulher, acima de 60 anos, Classe DE)

Esse grupo demonstra preocupação com mudanças que possam comprometer a tranquilidade e a qualidade de vida historicamente associadas à cidade.

Ao mesmo tempo, manifesta orgulho pelas transformações observadas ao longo dos anos.

4.7.9 Qualidade de Vida Como Elemento Central da Identidade Regional

Um dos resultados mais importantes da pesquisa é a constatação de que a qualidade de vida funciona como principal elemento estruturador da identidade regional.

Independentemente da classe social, os participantes associam Roraima a características como:

- ☐ tranquilidade;

- ☐ proximidade social;
- ☐ convivência comunitária;
- ☐ contato com a natureza;
- ☐ menor intensidade dos problemas urbanos observados em outras regiões.

Esses elementos aparecem repetidamente nas falas e ajudam a explicar por que muitos moradores demonstram forte vínculo afetivo com Boa Vista mesmo quando identificam problemas importantes em áreas como saúde e emprego.

4.7.10 Principais Demandas Relacionadas à Qualidade de Vida

As discussões permitem identificar algumas expectativas compartilhadas:

- ☐ Preservação da tranquilidade urbana;
- ☐ Controle do crescimento desordenado;
- ☐ Ampliação das oportunidades econômicas;
- ☐ Manutenção da convivência comunitária;
- ☐ Proteção dos espaços públicos;
- ☐ Preservação ambiental;
- ☐ Melhoria dos serviços públicos sem perda da qualidade de vida.

Em síntese, a identidade regional emerge como um dos ativos mais importantes de Roraima. Os participantes demonstram orgulho do lugar onde vivem e valorizam aspectos que consideram diferenciais em relação a outras regiões do país. Ao mesmo tempo, manifestam preocupação com a necessidade de preservar essas características diante das transformações econômicas e sociais em curso.

4.8 INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E FORMAÇÃO DE OPINIÃO

A forma como a população se informa constitui um elemento fundamental para compreender a construção das percepções identificadas ao longo desta pesquisa.

As discussões revelam mudanças significativas nos hábitos de consumo de informação, especialmente entre diferentes gerações.

Enquanto os participantes mais velhos ainda mantêm forte relação com meios tradicionais, os grupos mais jovens demonstram depender quase exclusivamente de plataformas digitais para acompanhar acontecimentos locais e nacionais.

Essa transformação altera não apenas os canais utilizados para obtenção de informações, mas também a velocidade, a diversidade e a forma como as opiniões são construídas.

Ao longo das discussões, observou-se que a confiança nas fontes de informação constitui uma preocupação recorrente entre os participantes.

4.8.1 Grupo 1 – Classes A/B, 30 a 60 anos

Entre os participantes das classes A/B, observa-se um padrão de consumo de informação relativamente diversificado. Esse segmento utiliza simultaneamente meios tradicionais e plataformas digitais, buscando comparar versões e validar conteúdos antes de formar opinião.

As discussões revelam preocupação crescente com a qualidade das informações disponíveis e com a disseminação de conteúdos considerados pouco confiáveis.

Os participantes frequentemente relatam utilizar portais de notícias, redes sociais, aplicativos de mensagens e fontes institucionais para acompanhar acontecimentos relevantes.

Outro aspecto importante é a valorização de análises mais aprofundadas. Diferentemente dos grupos mais jovens, que frequentemente consomem conteúdos curtos e imediatos, esse segmento demonstra interesse por informações contextualizadas e explicações mais completas sobre os acontecimentos.

4.8.2 Grupo 2 – Classes B/C, 16 a 29 anos

Os jovens das classes B/C apresentam um padrão de consumo informacional fortemente digitalizado.

As redes sociais aparecem como principal fonte de informação para grande parte dos participantes.

Aplicativos de vídeos curtos, plataformas de compartilhamento de conteúdo e aplicativos de mensagens ocupam posição central na rotina informacional desse grupo.

Ao mesmo tempo, observa-se um fenômeno importante: muitos participantes reconhecem dificuldades para distinguir conteúdos confiáveis de informações falsas ou imprecisas.

"Hoje a gente recebe informação o tempo todo. O problema não é encontrar informação, é saber em quem confiar." (Mulher, 16 a 29 anos, Classe B/C)

A fala evidencia uma mudança importante no ambiente informacional contemporâneo.

A escassez de informação deixou de ser o principal problema. O desafio passou a ser a capacidade de selecionar, interpretar e validar conteúdo.

Esse aspecto possui impacto direto na formação da opinião pública e na percepção das políticas públicas.

4.8.3 Grupo 3 – Classe C, 30 a 60 anos

Entre os participantes da Classe C adulta, observa-se uma combinação entre hábitos tradicionais e digitais.

Muitos utilizam simultaneamente televisão, rádio, portais de notícias e redes sociais.

Esse grupo demonstra preocupação especial com informações relacionadas ao cotidiano local.

"A gente recebe notícia toda hora pelo celular. Mas tem muita mentira também. Eu costumo confiar mais quando vejo acontecendo ou quando alguém próximo comenta que também passou pela mesma situação."

(Homem, 30 a 60 anos, Classe C)

Temas como saúde, segurança, obras públicas e oportunidades de emprego costumam despertar maior interesse.

Outro aspecto identificado é a valorização da experiência pessoal como mecanismo de validação das informações.

Frequentemente, os participantes afirmam confiar mais naquilo que observam diretamente em seus bairros e comunidades do que em conteúdos divulgados por terceiros.

Essa característica ajuda a explicar por que a percepção sobre políticas públicas está tão fortemente associada às experiências concretas relatadas ao longo da pesquisa.

4.8.4 Grupo 4 – Classe C, idosos acima de 60 anos

Os participantes mais velhos mantêm relação mais próxima com meios tradicionais de comunicação.

Televisão e rádio continuam exercendo papel importante na formação de opinião desse segmento.

"Eu ainda gosto de assistir jornal na televisão. É o jeito que sempre acompanhei as notícias. Depois meus filhos mostram algumas coisas no celular e aí a gente vai se informando."

(Homem, acima de 60 anos, Classe C)

Entretanto, observa-se crescente utilização de aplicativos de mensagens como complemento às fontes tradicionais.

As discussões revelam preocupação significativa com a circulação de informações falsas.

"Recebo muita coisa pelo WhatsApp, nos grupos.. mas hoje tenho mais cuidado. Antigamente acreditava em tudo que mandavam, agora espero sair no jornal ou ouvir outras pessoas comentando."

(Mulher, acima de 60 anos, Classe C)

Muitos participantes relatam dificuldades para verificar conteúdos recebidos digitalmente e defendem maior responsabilidade na divulgação de informações.

Esse grupo também demonstra valorização de fontes consideradas institucionais e veículos com trajetória consolidada.

4.8.5 Grupo 5 – Classe B, 16 a 29 anos

Entre os jovens da Classe B, o consumo de informação é extremamente dinâmico.

Os participantes relatam acessar diferentes plataformas ao longo do dia e demonstram familiaridade com múltiplos formatos de conteúdo.

Ao mesmo tempo, observa-se preocupação com a superficialidade de parte das informações consumidas.

"Quase tudo que eu acompanho vem pelo Instagram ou pelo TikTok. Quando algum assunto me interessa de verdade, aí procuro pesquisar mais para entender melhor." (Mulher, 18 a 24 anos, Classe B)

Muitos reconhecem que a velocidade do ambiente digital nem sempre favorece análises aprofundadas.

Essa percepção leva parte dos participantes a buscar fontes complementares para compreender temas considerados mais complexos.

4.8.6 Grupo 6 – Classes D/E, 30 a 60 anos

Os participantes das classes D/E adultas demonstram utilizar uma combinação de redes sociais, aplicativos de mensagens e meios tradicionais.

As discussões revelam forte influência das experiências comunitárias na construção das opiniões.

"O que mais informa a gente é conversa com vizinho, grupo da família e WhatsApp. Muitas vezes a notícia chega primeiro por ali do que pelos jornais."

(Mulher, 30 a 60 anos, Classe DE)

Informações compartilhadas por familiares, vizinhos e conhecidos exercem papel importante na interpretação dos acontecimentos.

Essa característica reforça a importância das redes sociais locais na circulação de informações e na formação das percepções coletivas.

4.8.7 Grupo 7 – Classes D/E, 16 a 29 anos

Os jovens das classes D/E apresentam hábitos semelhantes aos observados em outros segmentos juvenis.

As plataformas digitais dominam amplamente o consumo de informação.

"Eu praticamente não assisto televisão. Tudo que acompanho está no celular. Whatsapp, Instagram, TikTok é o que mais acesso."

(Homem, 18 a 24 anos, Classe DE)

Entretanto, as discussões sugerem que muitos participantes possuem acesso mais limitado a conteúdos especializados e análises aprofundadas.

Consequentemente, informações compartilhadas por influenciadores digitais, grupos de mensagens e redes de relacionamento exercem grande influência sobre a formação de opinião.

Essa realidade demonstra a importância crescente da comunicação digital para alcançar os segmentos mais jovens da população.

4.8.8 Grupo 8 – Classes D/E, acima de 60 anos

Entre os idosos das classes D/E, os meios tradicionais continuam desempenhando papel central.

"Eu gosto mais do rádio e da televisão porque foi assim que me acostumei a acompanhar as notícias. O celular ajuda também, mas aí muita gente fala coisa que pode não ser verdade, aí prefiro acompanhar mais pela TV e rádio."

(Homem, acima de 60 anos, Classe DE)

Televisão, rádio e conversas presenciais aparecem como fontes importantes de informação.

Ao mesmo tempo, observa-se crescimento do uso de aplicativos de mensagens, especialmente para comunicação com familiares.

Os participantes frequentemente relatam preocupação com a confiabilidade dos conteúdos recebidos digitalmente e demonstram interesse por informações claras e acessíveis.

4.8.9 Síntese Comparativa dos Grupos

A análise dos oito segmentos revela uma clara divisão geracional.

Os grupos mais jovens dependem predominantemente de plataformas digitais para obtenção de informações.

Já os grupos mais velhos continuam atribuindo grande importância aos meios tradicionais.

Entretanto, independentemente da idade ou classe social, surge um consenso importante: a preocupação com a confiabilidade das informações.

A população demonstra reconhecer que o excesso de conteúdo disponível cria novos desafios relacionados à validação e interpretação das notícias.

4.8.10 Principais Tendências Identificadas

As discussões permitem identificar algumas tendências relevantes:

- ☐ Crescente digitalização do consumo de informação;
- ☐ Redução da dependência exclusiva dos meios tradicionais;
- ☐ Aumento da preocupação com conteúdo falsos ou imprecisos;
- ☐ Valorização de fontes consideradas confiáveis;
- ☐ Importância crescente das redes sociais locais;
- ☐ Influência das experiências pessoais na formação das opiniões.

Em síntese, a pesquisa demonstra que a forma como a população se informa está passando por profundas transformações. Essas mudanças influenciam diretamente a percepção das políticas públicas, a construção da confiança institucional e a formação das opiniões sobre os desafios enfrentados por Boa Vista.

5. DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise integrada dos diferentes temas investigados revela uma população que combina orgulho pela cidade onde vive com preocupações concretas relacionadas à capacidade das políticas públicas de responder às transformações em curso.

Ao observar conjuntamente os resultados relacionados à saúde, educação, segurança, infraestrutura, economia, assistência social e qualidade de vida, torna-se evidente que os participantes não avaliam o desempenho do poder público de forma isolada.

Pelo contrário.

As percepções são construídas a partir da interação entre diferentes experiências cotidianas.

A qualidade da saúde influencia a sensação de segurança social.

A educação afeta as expectativas econômicas.

A infraestrutura interfere diretamente na qualidade de vida.

O emprego condiciona a percepção de futuro.

Essa interdependência aparece de forma consistente em praticamente todos os segmentos pesquisados.

5.1 O Principal Desafio: A Distância Entre Expectativa e Capacidade de Resposta

O primeiro grande achado da pesquisa diz respeito à existência de uma distância percebida entre as expectativas da população e a capacidade de resposta de determinados serviços públicos.

Essa percepção é particularmente intensa na área da saúde.

Os relatos sobre demora em consultas, exames e cirurgias revelam que o problema não é apenas operacional.

A espera prolongada produz sentimento de insegurança, impotência e abandono.

Quando um participante relata permanecer anos aguardando um procedimento médico, ele não está apenas descrevendo uma fila.

Está expressando uma ruptura na confiança de que o sistema conseguirá responder adequadamente às suas necessidades.

Esse fenômeno aparece com maior intensidade entre idosos e grupos de menor renda, justamente aqueles que dependem mais diretamente da rede pública.

5.2 A Centralidade da Qualidade de Vida

Outro resultado importante da pesquisa é a constatação de que a qualidade de vida funciona como eixo estruturador da identidade coletiva.

Mesmo diante de críticas a diferentes áreas da gestão pública, os participantes demonstram forte valorização das características que associam à vida em Roraima.

Segurança relativa, proximidade comunitária, menor intensidade dos problemas urbanos e contato com a natureza.

Esses elementos aparecem repetidamente como fatores que diferenciam Boa Vista de outras regiões brasileiras.

Isso ajuda a explicar por que avaliações negativas sobre determinados serviços coexistem com manifestações intensas de orgulho e pertencimento.

5.3 Diferenças de Classe e Experiência com as Políticas Públicas

A pesquisa demonstra que as avaliações das políticas públicas variam significativamente conforme a posição social dos participantes.

Os grupos de maior renda tendem a analisar os serviços sob uma perspectiva institucional.

Suas críticas frequentemente abordam gestão, planejamento e eficiência.

Já os segmentos de menor renda constroem suas avaliações a partir da experiência direta de utilização dos serviços.

Para esses participantes, a discussão não é abstrata, ela está relacionada ao atendimento recebido, à consulta realizada ou à oportunidade efetivamente acessada.

Essa diferença é fundamental para compreender as demandas apresentadas ao longo da pesquisa.

5.4 Diferenças Geracionais e Prioridades Distintas

A pesquisa também evidencia que idade e momento do ciclo de vida exercem forte influência sobre a forma como os cidadãos percebem os problemas públicos.

Os jovens demonstram preocupações concentradas em temas relacionados ao futuro com emprego, qualificação profissional, educação, oportunidades econômicas e mobilidade social.

A principal ansiedade identificada entre os segmentos juvenis está associada à construção de trajetórias de vida estáveis dentro da própria cidade.

Muitos participantes manifestam desejo de permanecer em Boa Vista, mas condicionam essa decisão à existência de oportunidades profissionais compatíveis com suas expectativas.

Essa percepção aparece de forma particularmente intensa entre jovens das classes B/C, B e D/E.

Por outro lado, os participantes mais velhos concentram suas preocupações em temas ligados à manutenção da qualidade de vida como a saúde, segurança e poder de compra.

A principal diferença observada é que os idosos avaliam as políticas públicas a partir de necessidades imediatas e concretas, enquanto os jovens frequentemente analisam suas implicações futuras.

Essa distinção ajuda a explicar por que a saúde ocupa posição central entre os grupos mais velhos, enquanto emprego e educação assumem protagonismo entre os mais jovens.

5.5 A Existência de Duas Roraimas na Percepção da População

Um dos aspectos mais interessantes identificados ao longo da pesquisa é a coexistência de duas narrativas aparentemente contraditórias sobre a realidade estadual.

A primeira narrativa descreve uma cidade que avançou significativamente nos últimos anos como:

Uma cidade organizada, espaços públicos qualificados, segurança superior à média nacional, expansão econômica e melhoria da infraestrutura.

A segunda narrativa destaca dificuldades persistentes como:

Filas na saúde, dificuldades de acesso a serviços especializados, problemas educacionais, desigualdades territoriais e limitações de oportunidades parte da população.

Importante destacar que essas narrativas não são excludentes.

Elas coexistem.

Os mesmos participantes que reconhecem avanços importantes frequentemente relatam desafios que ainda afetam seu cotidiano.

Isso demonstra que a população possui uma visão relativamente sofisticada da realidade local.

Não se trata de uma avaliação puramente positiva ou negativa.

A percepção predominante é que Roraima avançou em diversas áreas, mas ainda enfrenta desafios estruturais que precisam ser enfrentados.

5.6 O Papel da Experiência Direta na Formação das Opiniões

Outro resultado importante da pesquisa diz respeito à forma como a população constrói suas avaliações.

Ao longo de praticamente todos os temas analisados, observou-se que as experiências pessoais exercem influência maior do que discursos institucionais ou informações veiculadas pela mídia.

As pessoas avaliam a saúde a partir da consulta que conseguiram ou não conseguiram realizar.

- ☐ Avaliam a educação a partir da experiência dos filhos.
- ☐ Avaliam a segurança observando seu bairro.
- ☐ Avaliam a infraestrutura utilizando as ruas por onde circulam diariamente.

Essa característica reforça a importância da entrega efetiva dos serviços públicos.

Independentemente da qualidade da comunicação institucional, a percepção da população tende a ser fortemente determinada por suas experiências concretas.

5.7 Consensos Identificados na Pesquisa

Apesar das diferenças observadas entre grupos sociais e faixas etárias, alguns consensos aparecem de forma bastante clara.

1 - Saúde como principal prioridade

Nenhum outro tema produziu tantas manifestações espontâneas quanto a saúde.

As críticas relacionadas a filas, demora para procedimentos e dificuldades de acesso atravessam praticamente todos os segmentos pesquisados.

2 - Reconhecimento dos avanços urbanos

Existe amplo reconhecimento das melhorias observadas na infraestrutura urbana.

Mesmo participantes que apresentam críticas específicas costumam reconhecer transformações positivas na cidade.

3 - Valorização da qualidade de vida

A qualidade de vida aparece como um dos ativos mais valorizados pela população.

A tranquilidade, a convivência comunitária e a segurança relativa são elementos constantemente mencionados.

4 - Preocupação com o futuro dos jovens

Independentemente da idade dos participantes, observa-se preocupação recorrente com as oportunidades disponíveis para as novas gerações.

Educação e emprego aparecem fortemente conectados a essa preocupação.

5 - Desejo de preservação das características locais

Os participantes demonstram interesse em ampliar o desenvolvimento econômico sem perder características consideradas essenciais para a identidade regional.

5.8 Síntese Interpretativa

A análise dos dados permite concluir que a população pesquisada não se encontra em uma posição de ruptura com o poder público.

Tampouco demonstra satisfação plena com a situação atual.

O sentimento predominante é de expectativa.

Existe reconhecimento de avanços.

Existe valorização de aspectos positivos da realidade local.

Existe orgulho em relação à cidade.

Mas também existe a percepção de que determinados problemas persistem há tempo demais e exigem respostas mais efetivas.

Em outras palavras, os participantes demonstram acreditar no potencial de Roraima, mas esperam que esse potencial seja acompanhado por melhorias concretas na capacidade dos serviços públicos de responder às necessidades da população.

6. CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS

A pesquisa qualitativa realizada junto aos diferentes segmentos sociais de Roraima revela uma sociedade marcada por forte sentimento de pertencimento ao território, valorização da qualidade de vida local e reconhecimento de avanços observados ao longo dos últimos anos.

Ao mesmo tempo, o estudo evidencia a existência de desafios estruturais que continuam impactando a experiência cotidiana da população e influenciando sua avaliação sobre as políticas públicas.

A principal conclusão do estudo é que a saúde pública ocupa posição central na agenda de preocupações dos cidadãos.

Independentemente da classe social, idade ou local de residência, os participantes relatam dificuldades relacionadas ao acesso a consultas, exames, procedimentos especializados e cirurgias.

As falas demonstram que a demora no atendimento não é percebida apenas como uma falha operacional.

Ela produz sentimentos de insegurança, abandono e perda de confiança na capacidade de resposta do sistema.

Dessa forma, qualquer estratégia voltada ao fortalecimento das políticas públicas estaduais deve considerar a saúde como prioridade absoluta.

A redução das filas, a ampliação do acesso à média e alta complexidade e a humanização do atendimento aparecem como demandas amplamente compartilhadas pela população.

No campo da educação, os resultados indicam uma realidade mais heterogênea.

Existe reconhecimento dos avanços observados na educação infantil e nos anos iniciais.

Entretanto, persistem preocupações significativas relacionadas ao ensino médio, à ausência de professores e à preparação dos jovens para o mercado de trabalho.

A população demonstra compreender a educação como principal instrumento de mobilidade social.

Consequentemente, problemas nessa área são percebidos como ameaças às oportunidades futuras das novas gerações.

Na área da segurança pública, a pesquisa revela uma situação peculiar.

Os participantes reconhecem que Roraima ainda apresenta condições mais favoráveis do que grande parte do país.

Entretanto, cresce a preocupação com a expansão das facções criminosas e com a necessidade de preservar a tranquilidade historicamente associada à cidade.

O desafio identificado não é apenas reduzir a criminalidade, mas impedir a deterioração de um patrimônio social amplamente valorizado pela população.

Em relação à infraestrutura urbana, os resultados são amplamente positivos.

A população reconhece transformações importantes na organização da cidade, na qualidade dos espaços públicos e nas condições gerais de urbanização.

As principais demandas concentram-se em drenagem, mobilidade, acessibilidade e redução das desigualdades territoriais entre bairros.

No campo econômico, a pesquisa demonstra que os participantes percebem avanços relevantes, especialmente relacionados ao crescimento da atividade produtiva.

Entretanto, permanece a expectativa de que esse desenvolvimento seja acompanhado pela ampliação das oportunidades de emprego, especialmente para jovens e segmentos vulneráveis.

A assistência social surge como elemento fundamental de proteção e estabilidade para as famílias mais vulneráveis.

Os resultados indicam que políticas voltadas à inclusão produtiva e à qualificação profissional tendem a ser particularmente valorizadas pela população.

Por fim, a pesquisa revela que a identidade regional constitui um dos principais ativos sociais de Roraima.

O orgulho local, a valorização da qualidade de vida e o sentimento de pertencimento representam recursos importantes para o fortalecimento das políticas públicas e para a construção de projetos coletivos de desenvolvimento.

Recomendações Estratégicas

A partir da análise realizada, destacam-se as seguintes prioridades:

Saúde

- ☐ Redução das filas para consultas, exames e cirurgias;
- ☐ Ampliação da oferta de especialistas;

- ☐ Criação de mecanismos alternativos ao agendamento exclusivamente digital;
- ☐ Fortalecimento da atenção básica e da rede especializada.

Educação

- ☐ Redução das aulas vagas;
- ☐ Ampliação do quadro de professores;
- ☐ Fortalecimento do ensino médio;
- ☐ Ampliação da qualificação profissional para jovens.

Segurança

- ☐ Intensificação do combate às facções criminosas;
- ☐ Ampliação da presença policial em áreas vulneráveis;
- ☐ Preservação dos indicadores de segurança que diferenciam a cidade.

Infraestrutura

- ☐ Investimentos em drenagem urbana;
- ☐ Ampliação da acessibilidade;
- ☐ Continuidade das obras de pavimentação;
- ☐ Manutenção dos espaços públicos.

Economia

- ☐ Geração de oportunidades para jovens;
- ☐ Diversificação da matriz econômica;
- ☐ Incentivo ao empreendedorismo;
- ☐ Fortalecimento da qualificação profissional.

Assistência Social

- ☐ Integração entre proteção social e inserção produtiva;
- ☐ Fortalecimento das políticas voltadas à população idosa;

- Ampliação do acesso à informação sobre programas sociais.

A pesquisa demonstra que a população possui uma visão equilibrada da realidade estadual. Existe reconhecimento de avanços importantes, mas também expectativas claras em relação aos desafios que ainda precisam ser enfrentados. A capacidade de responder a essas demandas será determinante para fortalecer a confiança da população nas políticas públicas e consolidar os avanços percebidos ao longo dos últimos anos.

A análise das falas evidencia uma população que reconhece avanços importantes na infraestrutura urbana, na qualidade de vida e em aspectos relacionados à organização da cidade, mas que mantém grandes preocupações com a saúde pública, a qualidade da educação estadual e as oportunidades econômicas para as novas gerações.

Os dados revelam que as necessidades variam conforme classe social e faixa etária, porém alguns temas atravessam praticamente todos os segmentos pesquisados. A saúde surge como principal demanda coletiva. A educação aparece como principal preocupação relacionada ao futuro. A segurança é vista como patrimônio a ser preservado. A qualidade de vida e o sentimento de pertencimento formam os principais ativos simbólicos de Roraima.

A partir das evidências qualitativas apresentadas, observa-se que o principal desafio das políticas públicas não consiste apenas em ampliar investimentos, mas em fortalecer a capacidade de resposta dos serviços às necessidades concretas da população, reduzindo a distância entre expectativas sociais e experiências cotidianas.

INOPE **EXCELÊNCIA**



INSTITUTO DO NORTE DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA

 www.inope.com.br

 contato@inope.com.br

 **095 98411-4792**

 **@inopepesquisa**